



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM CAJAZEIRAS:
HISTORIOGRAFIA, PROJETOS E ASSISTÊNCIA SOCIAL**

MARIA ALEXANDRE SOARES FILHA

CAJAZEIRAS - PB

2014

MARIA ALEXANDRE SOARES FILHA

**HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM CAJAZEIRAS:
HISTORIOGRAFIA, PROJETOS E ASSISTÊNCIA SOCIAL**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof^o. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo

CAJAZEIRAS - PB

2014

MARIA ALEXANDRE SOARES FILHA


**HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM CAJAZEIRAS:
HISTORIOGRAFIA, PROJETOS E ASSISTÊNCIA SOCIAL.**

APROVADO EM: 21 / 08 / 2014


COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Ms. Isamar Gonçalves Lôbo
(Orientador)



Prof. Dr. Ana Rita Uhle
(Examinador)



Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
(Examinador)

CAJAZEIRAS – PB

2014

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Alexandre Soares, *in memoriam*. E à minha filha, Letícia Nadir Soares Silva, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por sempre estar presente me encorajando e me guiando pelos caminhos da vida.

Ao meu pai, Francisco Soares de Farias, por ter me dado a vida e ter me apoiado na escolha desse curso.

Aos meus irmãos, por estarem sempre presentes, principalmente Luciêlda Soares de Oliveira, irmã, amiga e companheira que sempre está disponível para me ajudar quando necessito. Obrigada, sem você não teria conseguido me formar.

Às minhas grandes amigas, Renágila e Suelânia, pelo apoio e dedicação. Sem vocês, hoje não estaria cumprindo mais essa importante etapa da minha vida. Obrigada!

Ao meu orientador, Isamarc Gonçalves Lobô, pela paciência, disponibilidade e dedicação. Por se responsabilizar pela excelente orientação, sem a qual este trabalho não seria o mesmo. Muito obrigada por tudo.

Aos colegas do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. Desejo-lhes sorte nessa nova carreira.

Aos docentes do Curso, pela transmissão de conhecimentos e por estarem prontamente a me ajudar quando necessitei.

Aos funcionários da UFCG, pela competência e gentileza sempre que busquei ajuda.

Aos meus entrevistados, pelo carinho ao me receberem, por responderem prontamente aos meus e-mails e por sempre estarem disponíveis. Obrigada.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, e com seus atos e palavras construtivas me ajudam a conquistar minhas metas e objetivos.

Os historiadores devem ser precisos, verídicos e totalmente imparciais; nem o interesse, nem o medo, o ódio ou a afeição poderiam afastá-los da seda da verdade, da qual a história é a mãe, a conservadora das grandes ações, o testemunho do passado, o exemplo e o ensinamento para o presente e a advertência para o futuro.

CERVANTES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a dinâmica da história da maçonaria no município de Cajazeiras-PB, discutindo um pouco sobre sua história e sua fisionomia. Esta instituição foi fundada neste município em 1952. Pretendendo, a partir deste objeto de estudo, entender suas bases e seu propósito diante a sociedade cajazeirense. Dessa forma, determinar como ela se portou e quais os seus campos de ação. Sendo assim, realizamos uma análise dos projetos sociais propostos pelos maçônicos para a cidade de Cajazeiras isoladamente, em parcerias com as Secretarias do Município ou com outras entidades. Além desta questão, achamos prudente efetuar uma análise dos projetos maçônicos envolvendo seus representantes e as instituições para-maçônicas, DeMolays, Filhas de Jó e os Escudeiros.

Palavras-chave: Maçonaria em Cajazeiras; Projetos de Assistência Social.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the dynamics of the history of Freemasonry in the city of Cajazeiras, PB, discussing about its history and physiognomy. This institution was founded in this city in 1952. Intending, from this object of study, understand its basis and its purpose before the *cajazeirense* society. Thus, determining how is its behave and what are its areas of action. This way, we performed an analysis of the social projects proposed by the freemasonic membership for the city of Cajazeiras, made by itself, in partnership with the Secretaries of the City or other entities. Beyond this point, we thought prudent to make an analysis of the freemasonic projects involving their representatives and institutions para-freemasonic, DeMolays, Daughters of Job and The Squires.

Keywords: Freemasonry; in Cajazeiras; Projects of Social Assistance.

LISTAS DE IMAGENS

Figura 01: Areópago de Itambé	17
Figura 02: Sessão Branca da Loja Maçônica Presidente Roosevelt	32
Figura 03: Membros da Loja Duque de Caxias	33
Figura 04: Prédio da Loja União Maçônica Cajazeirense.....	33
Figura 05: Membros da Loja União Maçônica Cajazeirense	34
Figura 06: Loja Maçônica José Rodovalho de Alencar	35
Figura 07: Brasão da Loja Maçônica José Rodovalho de Alencar	36
Figura 08: Ordem dos DeMolays em comemoração aos 25 anos de sua trajetória em Cajazeiras	39
Figura 09: As Filhas de Jó cajazeirenses em cerimônia dos 25 anos do surgimento dos DeMolays	40
Figura 10: As Filhas de Jó em desfile do Dia da Cidade	41
Figura 11: Comemoração de iniciação d'As Filhas de Jó em 2013	42
Figura 12: Comemoração do Dia das Mães do Castelo Pequeno Príncipe	43
Figura 13: Prédio em que funcionou a Escola Duque de Caxias.....	46
Figura 14: Placas de fundação e gestão da Escola Rotary	47
Figura 15: Dependências da Escola Rotary.....	47
Figura 16: Convite e palestras sobre o câncer de útero	48
Figura 17: I Seminário para tratar sobre políticas públicas voltadas à mulher	49
Figura 18: Cerimônia de casamento na Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira	50
Figura 19: Parque Aquático Pedro Flor do Nascimento	50
Figura 20: Novo projeto para Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira	51
Figura 21: Seminário promovido pela maçonaria em parceria com a Prefeitura Municipal.....	52
Figura 22: Campanha da Vacinação entre os anos 1993 e 1997	53
Figura 23: Marcha Jovem no dia 15 de abril de 2012.....	54
Figura 24: Filhas de Jó em campanha do Dia das Crianças na Escola M. Guimarães ...	55
Figura 25: Campanha de arrecadação de alimentos e roupas.....	56
Figura 26: As Filhas de Jó e DeMolays em visita ao Lar dos Idosos Luca Zorn.....	57
Figura 27: Campanha de incentivo à doação de sangue em 2013	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - HISTORIOGRAFIA DA MAÇONARIA NA PARAÍBA	14
1.1 História da maçonaria na Paraíba Colonial	18
1.2 História da maçonaria na Paraíba Imperial	22
1.3 História da maçonaria na Paraíba República	26
CAPÍTULO 2 - MAÇONARIA EM CAJAZEIRAS	30
2.1 Instituições vinculadas à maçonaria em Cajazeiras.....	38
CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE DOS PROJETOS MAÇÔNICOS EM CAJAZEIRAS.....	45
3.1 maçonaria e lazer em Cajazeiras	49
3.2 Projetos desenvolvidos pela assistência social através dos maçons na sociedade cajazeirense.	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a Maçonaria e a Assistência Social no município de Cajazeiras. A escolha dessa temática deve-se inicialmente pelos temores de infância associados a ideias preconceituosas sobre os maçons tidas por mim, como membros de uma seita macabra, desconhecidamente perigosa. O outro fator foi que já adulta, acabei casando com um maçom, que a despeito de meus questionamentos continua mantendo-se rigorosamente calado.

A maçonaria é uma organização secreta marcada por ritos secretos, capaz de aceitar todos os homens de boa índole praticantes de qualquer credo ou religião. Há apenas um limite para participar deste seletivo grupo: não ter nenhum tipo de deficiência física ou moral. Seus princípios são a “Liberdade”, a “Igualdade” e a “Fraternidade”. O lema maçônico é “Justiça, Verdade e Trabalho”, seja das lojas maçônicas municipais ou internacionais.

Um dos maiores charmes deste grupo é sua enigmática simbologia, secretamente conduzida e silenciosamente praticada. Parte dos conceitos e preconceitos sociais sobre o grupo advém justamente do mistério que o envolve. Assim, sua história é aparentemente marcada pela perseguição social, política e religiosa.

O estudo da maçonaria aqui desenvolvido acabou seguindo um percurso que nos obrigou a sair da Colônia, passar pelo Império brasileiro e chegar à República numa ânsia em compreender o desenvolvimento desta ordem em solos brasílicos.

Esta perspectiva foi se formando a partir de autores que estudam a história da maçonaria como Hélio Nóbrega Zenaide, Joaquim Osterne Carneiro e Nicola Aslan, que objetivam mostrar, em suas obras, o surgimento da maçonaria e seu desenvolvimento no mundo e no Brasil. Como afirma Carneiro (2012, p. 17):

Ao analisarmos a presença da maçonaria, ao longo da história, tanto no Brasil, como no Estado da Paraíba constatamos que esta instituição, tem pautado sua atuação, objetivando contribuir com os grandes ideais políticos da humanidade, de conformidade com as diferentes atividades produtivas e tem participado efetivamente da vida intelectual, educacional, religiosa, econômica, social e política da nação.

Assim sendo, muitas indagações foram formuladas sobre a maçonaria, a saber: como os maçons se reconhecem ao se olharem? Quem pode ou não fazer parte desse

grupo? Quais obrigações podem ser atribuídas aos membros da irmandade? Por que tanto mistério? Parte destes questionamentos foi elaborado ou por mim ou captadas nos círculos sociais dentro do Município de Cajazeiras.

Segundo Zenaide (2000, p. 311):

A maçonaria é uma instituição que procura contribuir para o aperfeiçoamento moral, intelectual, social, cultural e material do homem, buscando cultivar, sob a égide de Deus – o grande Arquiteto do Universo – a prática da fraternidade humana universal, sem distinção de raça, cor, nacionalidade, pensamento filosófico, ideal político ou religioso.

De forma sucinta, tentaremos analisar e compreender todas essas indagações que geram aflições e curiosidades em pessoas que, como eu, sente a necessidade de conhecê-las.

Este estudo se desenvolveu através da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Inicialmente, procuramos identificar os autores que discutem a história da maçonaria no mundo, no Brasil e na Paraíba. Querendo entender melhor a história da maçonaria local, recorreremos a maçons que, apesar do sigilo, estavam dispostos a falar alguma coisa de sua instituição. Ao sondar estes maçons, descobri que os arquivos institucionais são secretos como tudo o mais que cerca esta irmandade. Desesperada, me agarrei a estas conversas como fonte única deste trabalho. Além disso, acabei que me apropriando do material indicado por meus “entrevistados”, como fotos, além de ter que gerar minhas próprias imagens dos locais em que a maçonaria municipal atua.

Sendo assim, no primeiro capítulo, **Historiografia da Maçonaria na Paraíba**, busco apresentar a formação da entidade maçônica, assim como um discurso entre autores sobre sua fundação no território brasileiro e paraibano. Para entender melhor a instituição, nos reportamos aos três momentos clássicos da história nacional, partindo da Colônia, e o momento de fundação das lojas maçônicas em nosso território, passamos pelo Império, e a vinculação dos maçons com o Estado, e chegamos na República e a participação dos maçons paraibanos no movimento que desaguou na libertação do Brasil.

No segundo capítulo, intitulado **Maçonaria em Cajazeiras**, procuramos entender seu desenvolvimento e sua estrutura, centrando-nos na fundação em 1952 até o ano de 2012. Além deste percurso, analisamos as instituições ligadas à maçonaria local, suas características e função como representantes legais da entidade maçônica local.

Abordamos no terceiro capítulo, **Uma análise dos projetos maçônicos em Cajazeiras**, as ações sociais das lojas maçônicas locais que, segundo os dados coletados, giram em torno do incentivo e conscientização dos indivíduos. Curiosamente, parte dos empreendimentos começados pelos maçons acabaram saindo de seu controle.

Esperamos, a partir deste trabalho, retirar do mistério parte da história maçônica.

CAPÍTULO 1 - HISTORIOGRAFIA DA MAÇONARIA NA PARAÍBA

Grandes instituições passaram por obstáculos durante sua fase de evolução e com a maçonaria não seria diferente. Nicola Aslan (1979), em seu livro “História Geral da maçonaria”, destaca dentre as fases a Corporação Profissional ou Operativa existentes durante a Idade Média e a Renascença na Europa, acrescenta que os primeiros maçons eram operários e entre suas primeiras construções de pedras estavam: igrejas, catedrais e abadias. Tinham como influência central o clero, considerando-o como único depositário da cultura e da arte daquela época. Os operários eram profundamente religiosos e toda associação naquele momento da história desejava firmar seus alicerces na religião dominante. No entanto, a maçonaria, enquanto instituição iniciática e simbólica, começa a ganhar espaço e difusão em países europeus de predominância protestante.

A maçonaria chegou ao século XVIII como uma sociedade iniciática e tinha sua história tumultuada e confusa, ganhando muitos inimigos, os que criticavam suas propostas e os que não conseguiam entendê-las. Diante deste pressuposto, Aslan (1979, p. 13) comenta:

E na verdade, durante sua fase de corporação profissional inventara-se várias histórias lendárias da arte da construção, como era exigido de todos os ofícios e sociedades, quando não possuíam uma real história. Por isso, essas histórias lendárias, como a própria arte de construir edifícios (Masonry, em inglês; maçonneire, em francês), perdem-se na noite dos tempos e nas narrativas bíblicas.

Neste período, a Inglaterra era palco de guerras civis e religiosas e a maçonaria passou a ser vista como anticatólica, sendo assim excomungada pelo catolicismo.

Desde então, a maçonaria passou a ser um tema investigativo, tanto pela sua complexidade como pela ausência de documentos que comprovariam suas verdadeiras intenções. É neste contexto que esta fase termina dando surgimento à Especulativa ou maçonaria Moderna, vindo com renovações dentro da associação maçônica.

Aslan (1979) ainda cita que em uma reunião fechada, ocorrida no dia 24 de junho de 1717, resolveu-se criar a primeira Loja Maçônica em Londres, pois até então

todos se reuniam em Tavernas ou Cervejarias¹, com o propósito de dignificar a leitura de antigas memórias dos deveres² deixadas pelos primeiros obradores da ordem. Contudo, é só a partir do ano de 1728 que percebem a necessidade de se organizar politicamente, elaborando a sua Constituição com a finalidade de quebrar os dogmas, indo à defesa dos direitos humanos e contra qualquer forma de escravidão.

A criação da Grande Loja de Londres foi decisiva para a institucionalização da maçonaria e adoção de ritos e graus simbólicos. A partir de então, a maçonaria ganha mais respaldo dentro da sociedade, iniciando em seu quadro de membros, intelectuais e outros profissionais, facilitando o acesso a teorias formuladas na era moderna em toda a Europa.

No intuito de compreender a finalidade da maçonaria e esclarecer seus objetivos, Silva Augusto (2007, p. 28) declara:

A maçonaria é uma instituição que conserva bem viva certas formas tradicionais de ensino secreto-iniciático. O que domina nela é o princípio de tolerância para com as doutrinas religiosas e políticas, porque ela está acima e fora das rivalidades que as põem em luta [...]. Uma instituição humanitária e sublime que exalta tudo o que une e repudia tudo aquilo que divide, porque aspira a fazer da Humanidade uma grande família de Irmãos, e que se põe sempre a serviço dos movimentos moralizadores [...] de paz e amor, aberta às mais nobres aspirações, onde se realiza a união necessária e fecunda do coração e do espírito, onde se adquire o equilíbrio interior, onde os caracteres se afirmam e se consolidam [...], em que a fraternidade é uma influência ou guia espiritual para a concepção mais nobre e mais elevada da vida, que não seja contra ninguém, porque é uma força indestrutível, nobre e generosa [...] que prepara o terreno onde florescerão a justiça e a paz. Sua única arma é a espada da inteligência, sabe que o único modo de produzir, mesmo socialmente, uma mudança profunda e durável de um meio, é o de modificar a sua mentalidade.

De acordo com o autor Silva Augusto (2007), esta definição da maçonaria enquanto uma sociedade “secreta” é atualmente substituída pelo adjetivo “discreta”, pois a maçonaria não precisa mais agir em segredo como foi necessário em outras fases de sua história.

¹ Tavernas e Cervejarias: eram hospedarias, ou seja, hotéis de serviço de restaurante e café, onde a aristocracia e a classe média da época se reuniam, exatamente por serem de fácil organização para os banquetes cerimoniais dos novos membros. Cf.: ASLAN, Nicola. **História Geral da maçonaria: Fatos da maçonaria Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1979, p. 19.

² As reuniões de maçons, às vezes eram dignificadas por leituras ou recitações de memórias escritas dos antigos deveres que relatavam a história da arte da maçonaria e as obrigações que o passado impunha aos maçons. Os indícios mostram que eles deviam ser lidos principalmente quando eram admitidos novatos a arte. Cf.: STEVENSON, David. **As Origens da maçonaria: o Século da Escócia (1590-1710)**. São Paulo: Editora Madras, 2009, p. 38.

Na revista Aventuras na História, edição especial “maçonaria: seus segredos, sua influência, seu legado”, Eduardo Szklarz (2010, p. 74), faz referência a maçonaria como uma organização social discreta:

Lá se foi o tempo em que os maçons atuavam sob sigilo. Hoje, seus templos têm endereço fixo, telefone, CNPJ, sites e blogs. Os integrantes da ordem não tem nenhum problema em posar para fotos vestidos a caráter. “A maçonaria não é mais secreta, é apenas discreta”, diz Marcos José da Silva, grão-mestre geral do Grande Oriente do Brasil³ (GOB), entidade à qual está subordinada a maioria das lojas⁴ maçônicas brasileiras. “É certo que temos nossos segredos, mas a empresa onde você trabalha também tem”.

Isso não significa que a maçonaria tenha aberto todas as informações ao público: continuam com seus rituais e valores. O que mudou foi que hoje ela não seja mais tão oculta.

Tenório de Albuquerque em sua obra “A Maçonaria e a Grandeza do Brasil” (1973, p. 22) relata: “Há um capítulo em branco na História do Brasil, e esse capítulo é o que se refere à maçonaria, presente em todos os momentos decisivos e importantes de nossa pátria”. Essa lacuna se daria provavelmente pelo fato de que a maçonaria por muito tempo se mantivera em segredo.

No Brasil seguem discussões entre historiadores e maçons com relação à primeira Loja Maçônica, sua data e surgimento. Porém, o que se sabe é que essa instituição tinha um propósito específico ao ser instalada no território “brasileiro”, pois seus ideais eram liberais com fins republicanos, pautados nos ideários, à época, do Iluminismo.

Para melhor embasar o surgimento da maçonaria na Paraíba, recorremos ao Ciclo de Debates “A Paraíba nos 500 anos do Brasil”, realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) no período de 15 de setembro a 12 de novembro de 1999. Nesta oportunidade, o pesquisador e jornalista Hélio Nóbrega Zenaide declarou que a maçonaria surgiu entre Pernambuco e Paraíba, embalada pelos ideais que foram

³ O Grande Oriente do Brasil era uma Loja Maçônica, de suma importância, chamada de o Poder Central Maçônico.

⁴ O termo Loja é utilizado maçonicamente para expressar o local de suas reuniões como templo das reuniões ritualísticas. Lojas, organizações secretas ou semisecretas em que combinam sociabilidade e fraternidade (STEVENSON, 2009, p. 229).

trazidos da Europa por Manoel de Arruda Câmara⁵ que por algum motivo instalou-a em Itambé, interior pernambucano. Segundo o pesquisador, existem historiadores que negam a existência do Areópago de Itambé, como é o caso de José Octavio de Arruda Mello (1997), no livro “História da Paraíba”, que afirma que Manoel de Arruda Câmara nunca residira em Itambé.

No entanto, Nicola Aslan (1979, p. 36) rebate esta ideia em sua obra quando afirma que Manoel de Arruda Câmara chega da Europa e se fixa em Itambé, quando usa a citação de Dom Duarte Leopoldo de São Paulo em seu livro “O Clero e a Independência” de 1923: “Quase na mesma época, florescia em Itambé o Areópago do Dr. Manoel de Arruda Câmara, centro de estudos, onde se discutia as ideias mais avançadas do liberalismo”.



FIGURA 01: Areópago de Itambé. Fonte: <www.masonic.com.br/monumentos/itambe.htm>. Acesso em: 27/07/2014.

Para ressaltar essa ideia, o historiador Wilson Nobrega Seixas em seu trabalho “O Velho Arraial de Piranhas” (2004), afirma ainda não estarem esclarecidas quais eram realmente os ideais do Areópago de Itambé, apesar de elogiar seu conterrâneo Manoel de Arruda Câmara nos méritos recebidos como médico naturalista e sua importância dentro do contexto político, assim como sua influência no Nordeste.

⁵ Manoel de Arruda Câmara foi filho de Francisco de Arruda Câmara e de Maria Saraiva da Silva. Nasceu em Pombal-PB em 1752. Concluiu o curso de Filosofia Natural em Coimbra, Portugal, e posteriormente na França fez Medicina na Universidade de Montpellier. Em sua volta ao Brasil, fixou residência em Goiana-PE entre os anos de 1794 a 1795. Neste período implantou estudos mineralógicos e zoológicos e escreveu sobre agricultura e botânica. É homenageado com uma reserva florestal e um zoológico que levam o seu nome. Fez parte da Academia Paraibana de letras, sendo patrono da cadeira nº 2. Faleceu em Goiana-PE no dia 02 de outubro de 1810. Cf.: SEIXAS, Wilson Nobrega. **O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)**. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

Realmente, ainda não está bem esclarecido, em nossa história, o sentido da fundação do Areópago de Itambé, importante instituição literária e política da qual faziam parte elementos da mais alta projeção não só da Paraíba, como também dos Estados de Pernambuco e Ceará (SEIXAS, 2004, p. 279).

Para tanto, entre as certezas de alguns historiadores e incertezas de outros, Nicola Aslan (1979) reforça o fato de que o surgimento da maçonaria no Brasil ocorreu no período de colonização, mas com o desejo de entrar no processo de descolonização, visto que na Europa já era uma realidade. Relata a luta pela independência e que o Areópago de Itambé tinha as características de uma maçonaria ativa:

No Brasil, o movimento pela independência teve início no seio de sociedades secretas, que tanto tinham de literárias como de políticas, e das quais algumas podem ser aqui citadas: 1752, Associações Literárias dos Seletos, no Rio de Janeiro; 1759, Academia dos Renascidos, na Bahia; 1772, A Científica, no Rio de Janeiro; 1786, Arcádia Ultramontana, no Rio de Janeiro; 1796, Areópago de Itambé, em Pernambuco [...]. Mas de todas essas sociedades secretas, a que maior importância e celebridade alcançaram foi sem dúvida, esta última (ASLAN, 1979, p. 35).

A figura 01 evidencia que o Areópago de Itambé realmente existiu. O que nos coloca em dúvida é o quanto o Areópago de Itambé foi maçônico quando esteve sobre a liderança de Arruda Câmara, o mais ilustre filho de Pombal-PB.

1.1. História da maçonaria na Paraíba Colonial

A Paraíba no seu período inicial vivenciou momentos de grandes conflitos por territórios, pois não foi diferente dos outros estados brasileiros. Segundo Evaldo Gonçalves (2000, p. 51),

Não há o que falar em processo de integração da Paraíba ao Novo Mundo, sem se começar pela chegada dos Descobridores e, numa segunda etapa, dos Colonizadores. São processos que se completam, na busca dessas nossas raízes paraibanas. Definitivamente, não somos uma civilização autóctone, da qual possamos nos orgulhar pela hipotética fórmula original de formação espontânea, quer do ponto de vista político, religioso ou racial. Não sei se teria sido possível escapar do furor da Era dos Descobrimentos, de que foi teatro o Velho Continente, nos séculos quinze e dezesseis.

Neste contexto, a Paraíba nasceu sob o signo de luta que se transformou em resistência. Segundo Joacil de Britto Pereira (2000, p. 43), esse foi o lema que perdurou ao longo de sua História, e aproveita para informar as datas que representam o marco da história paraibana:

O processo de formação da Paraíba. Primeiramente a conquista, em 5 de agosto 1585, logo seguida da fundação em 4 de novembro do mesmo ano e, por último, quatorze anos depois, a consolidação da conquista, a 19 de abril de 1599. Nem Tabajaras nem Potiguaras se renderam: celebraram pactos de paz, embora em circunstâncias adversas, mas nunca foram submetidos à escravidão.

Diante de todo histórico de conflitos surge a maçonaria como uma instituição não governamental que veio ao Brasil com o objetivo de contribuir nas lutas contra o colonialismo e tentar difundir as ideias de Independência e República, tomando por base a Revolução Francesa. Esse pensamento veio da Europa através de paraibanos e pernambucanos que lá se formaram e frequentaram instituições não governamentais com fins liberais e republicanos. Pode-se citar entre estes, Arruda Câmara, que em meio a tantos movimentos fundou a primeira loja maçônica em 1796, o já citado Areópago de Itambé. Destacando também os paraibanos e pernambucanos abaixo:

[...] o irmão de Arruda Câmara, que era médico, como ele, os três irmãos: Francisco, Luís Francisco e José Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, o padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, discípulo de Arruda Câmara, o capitão André Dias Figueiredo, os padres Antônio e Felix Velho Cardoso, José Pereira Tinoco, Antônio de Albuquerque Montenegro (LIMA OLIVEIRA Apud ZENAIDE, 2000, p. 313-314).

No entanto, não se tem conhecimento se essa representação da maçonaria entre Pernambuco e Paraíba fosse apenas um ímã para unir os paraibanos e pernambucanos contra o colonialismo, ou até mesmo a possibilidade de o Areópago de Itambé não ter sido realmente uma loja maçônica. Contudo, o maçom Vandy Alves de Almeida (2008), em seu trabalho “O Início da maçonaria no Brasil”, vem corroborar com a ideia de que a maçonaria brasileira tenha se iniciado em 1797 com a Loja Cavaleiros da Luz, criada na povoação da Barra, em Salvador. E ainda traz mais duas: a Loja União, fundada em 1800, e como a primeira loja regular do Brasil, a Loja Reunião, fundada em 1802 no Rio de Janeiro, movida pela liturgia e fins político-sociais. Segue afirmando que:

Essas foram as primeiras lojas oficiais e consideradas regulares, pois já existiam, anteriormente, isso sim, agrupamentos secretos, em moldes mais ou menos maçônicos, funcionando mais como clubes, ou academias, mas que não eram lojas propriamente ditas. É o caso, por exemplo, do famoso AREÓPAGO DE ITAMBÉ, fundado em 1796, nas raias das províncias de Pernambuco e Paraíba, por Arruda Câmara, ex-frade carmelita e médico pela faculdade de Montpellier, na França [...]. O AREÓPAGO DE ITAMBÉ, embora considerado o marco inicial das organizações maçônicas no Brasil, não era uma verdadeira Loja Maçônica, tanto assim é, que o padre João

Ribeiro, que pertence a ela, teve que ser iniciado em Lisboa, o que, evidentemente, leva a crer que naquela época que não existia Loja Regular no Brasil, e muito menos naquela região.

Almeida (2008) segue dizendo que existem autores que, aproveitando um período nebuloso e de total falta de registros históricos, falam da existência de Lojas, principalmente na Bahia, durante o século XVIII, e que, por falta de prova documental, é uma afirmação temerária na mesma proporção dos que apontam os conjurados mineiros como maçons, contudo, não existe apoio histórico que fundamente esta afirmação.

Já no diálogo estabelecido no “Ciclo de Debates” de 1999, na capital da Paraíba, o expositor Hélio Nobrega Zenaide e o debatedor Edgar Bartolini Filho afirmam que o processo de infiltração da maçonaria no Brasil e na Paraíba, com os ideais liberais revolucionários, tinha uma característica própria por ser secreta, pois, em função da perseguição religiosa e política, a sua verdadeira intenção era encoberta através de símbolos utilizados para o contato e diálogo entre seus membros. Conforme relato de Bartolini Filho (1999, p. 324):

A maçonaria era tão secreta há pouco tempo atrás que o maçom entrava na Ordem e muitas vezes a sua família não sabia que ele a vida inteira pertenceu e trabalhou pela maçonaria, justamente evitando essas perseguições. Perseguições religiosas, intolerância religiosa, perseguições políticas e até perseguições familiares.

Mesmo com seu secretismo, qualquer ação maçônica diante da população poderia ter sido registrada. Mas vale ressaltar que não se pode afirmar sua participação nos conflitos que se seguiam pela descolonização da Paraíba, por falta de fontes seguras daquela época, pois muitas das documentações foram extraviadas, como segue relato de Regina Célia Gonçalves (2000 p. 15-16):

Apesar dos avanços da pesquisa histórica e da produção historiográfica no Brasil e na Paraíba, persistem lacunas temáticas sobre o período colonial. Lacunas essas, no caso da Paraíba, que se situam para além do arrolamento de fatos dispostos cronologicamente. Lacunas que estão a exigir uma produção científica na perspectiva da compreensão da sua importância para a construção da nossa identidade [...]. Esta ação é urgente e indispensável, uma vez que é de conhecimento público a situação de absoluto descaso em que os arquivos paraibanos vivem, especialmente os arquivos públicos. A partir de nossa experiência no PROJETO HISTÓRIA LOCAL foi possível constatar que as Prefeituras, as Câmaras Municipais, outros órgãos públicos, assim como vários cartórios e mesmo paróquias não têm a preocupação com a preservação e conservação dos documentos. A maior parte dos “arquivos” ou está despejada em locais absolutamente inadequados (como almoxarifados,

banheiros desativados, salas de depósito de “coisas velhas”) ou simplesmente desapareceu (documentação inutilizada pela ação do tempo, das goteiras, do fogo ou da mão humana). Talvez a expressão mais cabal dessa situação seja o desaparecimento dos documentos dos séculos XVI e XVII do Arquivo Público do Estado da Paraíba.

Em meio a essa situação caótica que se encontram os arquivos paraibanos, podemos apenas afirmar sobre a presença da maçonaria no período colonial, que esta vinha sendo perseguida pelo catolicismo e a conseqüente perseguição política interferiu na sua participação no processo de descolonização paraibana, visto que, suas bases estavam centradas no libertar e na garantia de um futuro republicano, o que de forma alguma poderia ser aceita pela coroa portuguesa, que desde o governo pernambucano de Duarte Sodré Pereira, estava vinculada a Pernambuco sem qualquer direito.

Dando ênfase à afirmação acima em que relata as conseqüências dos limites de extensão e economia mais precária que mantinha a Paraíba vinculada a Pernambuco, Reinaldo de Oliveira Sobrinho (2000 p. 59-60) chega a informar a existência de um governador, da capitania de Pernambuco, Duarte Sodré Pereira, que sugeriu a El-Rei de Portugal a extinção da Capitania da Paraíba, alegando a escassez de recursos.

Sodré acrescenta em carta ao El-Rei: “Nessa limitada Capitania (Paraíba) sem gente nem comércio, com pouco mais de 20 engenhos de assucar, mal fabricados pela pobreza dos donos e que nesta safra, sendo bôa, darão pouco mais de 600 caixas”. Sobrinho (2000, p.60) comenta: “Exagerava a pobreza da Paraíba e pedia a anexação do seu território ao de Pernambuco, alegando que nem dinheiro tinha para os donativos lançados por ocasião do casamento dos príncipes”.

No entanto, alguns historiadores paraibanos discordam do governador Duarte Sodré Pereira, afirmando que por aquelas alturas a Paraíba já vivenciava momentos de nobreza, como mostra Jaime d’Altavilla (apud SOBRINHO, 2000, p. 59) sobre como viviam naqueles tempos:

Não era verdadeiro o pergaminho governamental quando acentuava a pobreza da Parahyba, naquela phase construtiva já as esporas de prata dos senhores de engenho retiniam sobre os tijolos cor de brasa dos alpendres das boas casas coloniais; já ardiam perenemente nos santuários entalhados de jacarandá as lâmpadas votivas aos santos que haviam protegido as caravelas da colonização através dos mares americanos; já olhavam por traz dos caixilhos azuis das janelinhas os formosos olhos negros patrícios à espreita do cavaleiro destemeroso que sabia morrer gloriosamente pela sua dama, pela sua pátria, pelo seu rei; já se viam, através das mantilhas floreadas nas igrejas, os côlos das senhoras adornados de filigramas e as mãos enlaçadas de anéis; já havia nas bainhas lustrosas as espadas de tempera vindas de Tolêdo; já repousava nos vastos prateiros de vinhático a louça indiana; já haviam

arcas que guardavam pratarias de fino lavôr e já nas mansões senhoriais os pêndulos sonoros marcavam as horas e recordavam os passos airosos do minuete da Côrte.

Assim sendo, a perseguição política e católica foi uma pedra no caminho da maçonaria no período colonialista paraibano, pois era recém-chegada na Paraíba e necessitava conquistar, com seus ideais, homens de cunho liberal e revolucionário a fazerem parte do grupo. Dentre estes estava o idealizador Manoel de Arruda Câmara, tão citado pela maioria dos historiadores que buscam compreender a história da maçonaria na Paraíba. Um homem influente dentro do processo político no nordeste, mas que pouco pôde fazer para libertar a Paraíba, não só de Pernambuco como também do colonialismo, já que foi somente através do Capitão-Mor Luiz Antônio de Lemos Brito que se teve início o processo de desvinculação da Paraíba de Pernambuco, ao se dirigir ao Rei de Portugal, no sentido de conseguir uma solução para amenizar a decadência daquela capitania (SOBRINHO, 2000). E a consequência disso foi a revolução imperial, tema seguinte.

1.2. História da Maçonaria na Paraíba Imperial

O período Imperial na Paraíba ocorreu ao passo que seguia sua libertação dos poderes pernambucanos. Relata Oliveira Sobrinho (2000, p. 60) ao descrever a Carta Régia de 17 de Janeiro 1799 cujo texto se segue:

Rmo. Bispo de Pernambuco do meu Conselho e mais Governadores Interinos da capitania de Pernambuco. Eu e a Rainha vos envio muito saudar. Sendo-me presente os inconvenientes que se segue, tanto do Meu Real Serviço, como ao bem dos povos da inteira dependência e subordinação em que os governadores das Capitânicas do Ceará e da Paraíba se acham dos Governadores e Capitão-General da Capitania de Pernambuco, que pela distância em que reside não pode dar com a devida prontidão as providências necessárias para a melhor economia interior daquelas Capitânicas. [...] Igualmente determino que do Ceará e da Paraíba se possa fazer um comércio direto com o Reino, para o que se estabelecerá em tempo e lugar convenientes as casas de Arrecadação, que forem precisas e se darão as outras providencias que a experiência mostrar a comunicação imediata e o comércio das ditas duas Capitânicas com este Reino. O que vos participo para que assim o fiquem entendendo. Escrita no Palácio de Queluz em Dezessete de Janeiro de 1799.

Neste período, a maçonaria vivenciava um momento de aceitação dos que tinham um pensamento de mudanças e renovações. Segundo Marco Morel (2005, p. 18) na revista “Nossa História: o poder secreto da maçonaria”, “As reuniões do Grande

Oriente mostram-se decisivas neste momento. Emissários foram enviados às demais províncias para articularem a adesão à independência”. Contudo, as coisas não aconteciam como desejavam por conta das modificações políticas, visto que existiam pessoas infiltradas da própria maçonaria nestas alternâncias dos gabinetes ministeriais, influenciando nas decisões e assim os tornando ora conservadores, ora liberais, não chegando a um consenso.

É nesse cenário que a maçonaria se fez presente contribuindo para que o período imperial não chegasse a um século. Surge então, efetivamente em meio a uma política liberalista disposta a paralisar o poder imperial não só na Paraíba como também em Pernambuco e Ceará. Esse período foi marcado pela revolução de 1817 em Pernambuco, encabeçada por padres⁶ e maçons. Segundo Zenaide (2000), a Revolução de 1817 em Pernambuco e na Paraíba coincidiu com um período de expansão do liberalismo no mundo ocidental e a sua influência revolucionária foi reconhecida e destacada pelo desembargador do tribunal de Alçada criado para julgar os presos após a derrota da revolução.

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, número 42, Joaquim Osterne Carneiro (2012, p.13) em suas considerações fala sobre a Revolução de 1817:

Preliminarmente devemos levar em conta que, a expansão do liberalismo no mundo ocidental coincidiu com a denominada Revolução Pernambucana, também conhecida como Revolução dos Padres que eclodiu em 06 de março de 1817 e que se estendeu também pela Paraíba e outros Estados do Nordeste. Dentre suas causas podem ser destacadas a conjuntura econômica regional, o absolutismo monárquico português e a influência das ideias iluministas propagandas pelas sociedades secretas, como as lojas maçônicas [...]. Os participantes da revolução de 1817 lutavam pela independência do Brasil contra o regime monárquico e o sistema colonial e desejavam um governo republicano, como acontecera nos Estados Unidos da América do Norte [...].

Ainda se tratando dessa revolução, Tenório de Albuquerque (1973, p. 138) cita a Confederação do Equador, um dos movimentos liberais encabeçados por maçons, e diz que um dos motivos pelos quais levou a revolução de 1817 foi:

O ódio geral e antigo e entranhável dos filhos do Brasil contra os europeus, que chamavam “marinheiros que cuidavam em aumentar”, invertendo os

⁶ Como os Padres Antônio Pereira de Albuquerque, Antônio Félix Velho Cardoso, João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro. Cf.: A PARAÍBA NA PARTICIPAÇÃO DOS 500 ANOS DE BRASIL. João Pessoa. Anais do Ciclo de Debates, 2000, p. 314.

fatos da história da restauração, passada sobre os holandeses deduzindo aí decretos de propriedade, doação a S. M. com a exclusão de quaisquer impostos, foi às persuasões que serviram de mola, para dar movimento ao detestável e de que se serviram com especialidade no dito dia 6, ideias de igualdade embutidas aos pardos e pretos lhes afiançava o bom êxito pelo aumento considerável do seu partido, e contavam sem dúvida com os maçons brasileiros nas outras capitânias [...].

O autor retrata a situação de insatisfação da população brasileira daquela época quando os europeus se beneficiavam com os privilégios da Corte e o povo sofria sem ter como pagar seus impostos. Neste mesmo tempo, Arruda Câmara estava sempre em contato com maçons que se interessavam pela libertação do Brasil e o Areópago de Itambé propagou esses desejos nacionalistas.

Seixas (2004, p. 280) define o Areópago de Itambé como o responsável por eclodir prematuramente um movimento revolucionário no Recife em 1817, o que se tornou uma precipitação na emancipação política da Paraíba. Como relata abaixo:

Com o desaparecimento daquele sábio naturalista paraibano, ao contrário do que se imaginavam, suas ideias se alastraram triunfantes, por toda parte, embora se tenha desencadeado prematuramente um movimento revolucionário no Recife, em 1817. Não pode afirmar toda via que Arruda Câmara tenha concorrido diretamente para a eclosão daquela revolução pernambucana. Sabe-se apenas que a morte deste levou de algum modo seus companheiros a se precipitarem no plano de nossa emancipação política. Aqui na Paraíba, foi logo proclamada a república pelos chefes militares Estevão José Carneiro da Cunha e Amaro Gomes Coutinho. Mas em Pernambuco a iniciativa desse movimento, que irrompeu a 6 de março de 1817. Vitoriosa ali a Revolução, foi constituindo também um governo provisório sob a direção de João Ribeiro, o padre de quem alude a Arruda Câmara em sua celebre Carta Testamento.

Porém, o que parecia ser vitória a princípio, logo se transformou em fracasso com consequências inesperadas, como afirma Seixas (2004, p. 281):

Fracassada a revolução republicana, é determinada a prisão de todos os revolucionários e o sequestro de seus bens. Da Paraíba foram remetidos presos em número avultado ao tribunal da Alçada. Condenados por este, sofreram morte terrível e ignominiosa, na forca, entre outros, Amaro Gomes Coutinho e José Peregrino de Carvalho, cujas cabeças e mãos foram enviadas a Paraíba a fim de serem expostas à execração pública.

Este período termina com resultados não esperados e sonhos de liberdade frustrados, contudo, o desejo de um país liberto se mantinha vivo entre os patriotas.

Apesar da perseguição à maçonaria ter esfriado sua expansão no território paraibano, após o movimento de 1817, Zenaide (2000) vem corroborar com a

informação de que a primeira Loja⁷ Maçônica efetivamente instalada na Paraíba depois do Areópago de Itambé foi a Loja Maçônica Pelicano, fundada em 1822 no calor do movimento da Independência. Nesse mesmo ano, estava sendo fundado no Rio de Janeiro, O Grande Oriente do Brasil. Contudo, nem o ingresso de D. Pedro I foi capaz de imprimir maior impulso à maçonaria na província. Afirma Zenaide (2000, p. 316):

Embora o papel da maçonaria na Independência, tivesse sido decisivo e ela saísse fortalecida do acontecimento, somente 43 anos depois do Grito do Ipiranga os paraibanos se animariam a organizar as primeiras lojas Maçônicas no seu território [...]. Temos notícias de que a primeira Loja Maçônica efetivamente instalada na Paraíba depois da Independência foi fundada em 1865, como nome de LOJA MAÇÔNICA REGENERAÇÃO BRASÍLICA. [...] Ela foi instalada nesta capital, quando a Paraíba era governada pelo presidente Sinval Odorico de Moura e, no mesmo ano, foi fundada ainda a LOJA MAÇÔNICA UNIÃO E BENEFICÊNCIA, na cidade de Mamanguape.

Muitas lojas maçônicas foram se instalando no território paraibano, tendo como autoria de alguns maçons e paraibanos diversas leis que foram de suma importância para o desabrochar da libertação do Estado e do povo brasileiro. Segundo Zenaide (2000), dentre estas estavam a Lei do Ventre Livre, de autoria do Visconde do Rio Branco (Grão Mestre da maçonaria); a iniciativa da criação da sociedade Brasileira contra a escravidão, do maçom Joaquim Nabuco; o Ministério Liberal, presidido pelo maçom José Antônio Saraiva, que conseguiu a aprovação da Lei dos Sexagenários; Rui Barbosa, grande defensor da abolição da escravatura, com a iniciativa do decreto que obrigou todos os maçons brasileiros que por ventura tivessem escravos a libertá-los, e José do Patrocínio, maçom, que veio à Paraíba em campanha pela abolição.

Dando continuidade, Zenaide (2000) se refere a essas Lojas Maçônicas como que surgindo em uma época em que na Paraíba voltavam as ideias republicanas e se esboçava o movimento da abolição da escravatura, movimento este que no Rio de Janeiro, Capital do Império, era encabeçada pela maçonaria.

⁷ Após o Areópago surgiram, no decorrer do século, muitas Lojas Maçônicas como: Loja Maçônica Pelicano em 1822, fundada na capital da Paraíba. Contudo não se tem muitas informações sobre ela. Loja M. Grande Oriente do Brasil 1822, fundada no Rio de Janeiro, onde Dom Pedro participou como grã-mestre; Loja M. Regeneração Brasílica em 1865, fundada na capital da Paraíba por Sinval Odorico de Moura, presidente na época; Loja M. União e Beneficência em 1865, fundada em Mamanguape; Loja M. A. Segredo e Lealdade em 1873, fundada em Campina Grande; Loja M. Vigilância e Segredo em 1875, Campina Grande e Loja M. Renascença logo em seguida também em Campina Grande; Loja M. Constância e Lealdade em 1877, Varadouro, e Loja M. Lealdade e Perseverança em 1882. Cf.: A PARAÍBA NA PARTICIPAÇÃO DOS 500 ANOS DE BRASIL. João Pessoa. Anais do Ciclo de Debates, 2000.

No tópico a seguir, tratar-se-á a maçonaria dentro deste contexto republicano ao qual se refere Zenaide, e toda sua influência neste novo período.

1.3.História da Maçonaria na Paraíba República

Quando o império completou sessenta e sete anos, aparece uma nova forma de governo. Para Hugo Guimarães (2000, p. 53), a República “[...] é uma surpresa em meio a tantos acontecimentos, visto que, durante este período, as mudanças tinham sido poucas”. Questões como a escravatura, ingerência, aristocracia, surgimento de novas oligarquias, urbanização, industrialização e trabalho livre, fora as questões militares e religiosas, chegaram a agravar a situação que já não era tão boa. Entretanto, nos privaremos a relatar como esta foi recebida e as influências maçônicas sobre a mesma.

O expositor Luiz Hugo Guimarães (2000, p. 54) no Ciclo de Debates “A Paraíba nos 500 anos do Brasil” afirma que: “Militares e civis uniram-se e trocaram ideias sobre os movimentos reformadores de filósofos europeus, principalmente do positivista Augusto Comte. A influência dos Estados Unidos despertou o espírito de federação”. E prossegue:

Que era preciso mudar o regime da elite intelectual da época [...]. Quando se uniram definitivamente militares e republicanos, a queda do regime era inevitável. Faltava o motivo, o que surgiu com a formação do Gabinete Ouro Preto que era hostil ao Exército [...].

De acordo com Horácio de Almeida (1966) em seu livro “História da Paraíba”, Eugênio Toscano de Brito fala que quando a República chegou à Paraíba, a notícia foi tratada com incredulidade e indiferença, nem mesmo curiosidade despertou, mesmo contando com a presença de dois paraibanos: Aristides Lobo e Manoel Marques da Silva Acauã, participantes na fundação do Partido Republicano.

José Murilo de Carvalho (1987, p. 9) relata que de acordo com a visão de Aristides Lobo, na época da proclamação da República, os que se declaravam republicanos assistiram a tudo bestializados, julgando ser uma parada militar. E continua: como ele não era o único a observar, cita uma frase de um sábio francês que há muito tempo morava no Brasil, Louis Couty, que concluiu: “O Brasil não tem povo”. Ele, em sua frase, demonstrará que o país não tinha um povo organizado e ativo como na França. Independente da intenção das palavras, ambos, por serem pessoas esclarecidas,

se interessavam por mudanças sociais e políticas que estavam acontecendo naquele momento da história.

Luiz Hugo Guimarães (2000, p 55) ainda cita que muitos dos paraibanos que participaram ativamente do movimento não estavam na Paraíba no momento, como: Maciel Pinheiro Albino Meira e Coelho Lisboa. E acrescenta:

Dizer simplesmente que “não existe no Estado nenhum movimento republicano” não é bem verdadeiro. O que faltou, naturalmente, foi um maior contato com as lideranças do movimento no Sul, para acompanhar o desenvolvimento da campanha.

Ainda Guimarães (2000), expositor do Ciclo de Debates já citado, a Proclamação da República surpreendeu todas as províncias. A Paraíba tomou conhecimento do fato no mesmo dia, porém, foi de suma importância nesse debate a questão que já vinha sendo discutida entre os historiadores paraibanos: a da participação ou não da Paraíba no movimento republicano ou a preparação para receber a proclamação. Isso logo foi contestado no debate, pois alguns paraibanos mesmo não estando na Paraíba para receber a Proclamação, participaram do movimento republicano.

Diante disso, o historiador Joacil de Brito Pereira (2000, p. 66), como debatedor do Instituto Histórico, contempla:

Isto não significa que a Paraíba não tenha, através dos tempos, e muito mais recuada em época na história, pugnado pelos ideais republicanos. É preciso considerar como uma base, uma ideia central, que a República continha, nos seus anseios, uma vinculação muito estreita com a liberdade e com a democracia. Por isso mesmo, um dos nossos escritores, o romancista Eudes Barros, dissera no seu livro sobre 1817, um romance de fundo histórico, essa frase magnífica: *Eles sonharam com a liberdade*. Esse era o velho sonho, inclusive de Borges da Fonseca, o Republico, e de todos os que fizeram a revolução de 1817, e regaram o solo sagrado da Paraíba com seu sangue, também em 1824 e 1848. Então, não foi a Paraíba, como já salientou o brilhante expositor, alheia aos anseios de república apesar do desejo, com o sonho republicano marchou *pari passu* com as ideias de liberdade, com as aspirações libertárias.

Acredita-se que pouco seria importante se a Paraíba participasse ou não da campanha e do movimento principal que deu origem a República, até porque esse sonho já vinha sendo remoído há muitos anos atrás inclusive no movimento revolucionário de 1817. Porém, quando chegou ao conhecimento do governo central do Brasil que a Revolução tinha sido preparada e dada sequência pelas sociedades secretas, um alvará

assinado por D. João VI foi decretado contra tais sociedades. Nicola Aslan (1979, p. 67) afirma:

O alvará, referendado pelo ministro Tomas Antônio de Vila Nova Portugal, proclamava “que ficavam declaradas criminosas e proibidas todas e quaisquer sociedade secretas de qualquer denominação, com formas e nomes já conhecidos”. [...] este decreto, assinado no Brasil, e que não fazia nenhuma referência à maçonaria, foi promulgado em Portugal, onde ficaram proibidas as Lojas Maçônicas. [...] por efeito do mesmo decreto, foi também fechada a Loja maçônica Comércio e Artes, cessando, desta forma, todas as atividades maçônicas no Brasil.

Assim, além da perseguição feita pela Igreja Católica, agora tinha como inimigo declarado a Coroa portuguesa, que se sentia ameaçada pela participação da maçonaria, obrigando-a a se tornar informal dentro dos seus limites.

Entre contratemplos e desavenças, Zenaide (2000, p. 316) contempla o fato de que alguns maçons paraibanos se projetaram no movimento da Proclamação da República:

Foi o caso do maçom Aristides Lobo⁸, grande propagandista dos ideais republicanos, e do maçom senador Coelho Lisboa⁹ [...]. A projeção desses dois propagandistas da República deveu-se, porém, a sua atuação no plano nacional. No plano estadual, não há notícia de atuação expressiva da maçonaria em favor da proclamação da República [...]. Vale observar que o marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da república, era Grão Mestre¹⁰ da maçonaria, como era também maçom Floriano Peixoto, que o sucedeu na presidência da República.

Osterne Carneiro (2012, p. 16) na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano”, nº 41, resume a maçonaria dizendo:

A partir dos caminhos tortuosos da independência, perpassando pelas lutas libertarias do período colonial, sem olvidar o movimento que desaguou na Proclamação da República, na abolição da escravatura e na defesa intransigente da democracia, a maçonaria sempre contribuiu com seu bom

⁸ Aristides da Silveira Lobo nasceu no Engenho Tabocas, no município de Cruz do Espírito Santo-PB, em 12 de Fevereiro de 1838. Faleceu em Barbacena-MG, em 23 de julho de 1896. Foi Promotor Público e juiz de paz em Minas gerais; foi Deputado para o congresso Nacional do Império por dois mandatos consecutivos (1864 a 1870), pelo Estado de Alagoas. Fundou o jornal “A República”, que passou a defender o fim da monarquia. Publicou o Manifesto de 1870 pelo Clube Republicano e deu início a propagação dos ideais republicanos por todo o país. Foi Ministro do Interior, Deputado Federal, Senador, e Patrono da Cadeira nº 6 da Academia Paraibana de Letras. Cf.: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, n. 41, João Pessoa, 2012, p. 16.

⁹ João Coelho Gonçalves Lisboa nasceu em Areia-PB, em 27 de junho de 1859 e faleceu em 11 de julho de 1918. Era filho de Teodósio Gonçalves Lisboa e de Josefa dos Santos Coelho Lisboa. Ao longo de sua vida se destacou como primoroso orador. Foi Chefe de Polícia da Paraíba, Deputado Federal de 1887 a 1889 e de 1894 a 1896. Senador de 1905 a 1909. Cf.: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, n. 41, João Pessoa, 2012, p. 16.

¹⁰ Grão Mestre: Cargo de alta patente dentro do corpo maçônico.

senso, com sua independência e com sua altivez, para que o país encontre o melhor caminho para o seu desenvolvimento.

Osterne Carneiro (2012) ainda corrobora com Zenaide (2000) ao concluir que a Proclamação da República teve dois grandes representantes dentro da maçonaria: Aristides Lobo e João Coelho Gonçalves Lisboa, com presenças decisivas em nível nacional durante a campanha republicana, apesar de assinalar que na Paraíba a atuação da maçonaria na fase da Proclamação da República não foi expressiva, provavelmente por conta das perseguições que tivera.

A Proclamação da República foi sem dúvida um acontecimento surpreendente e inesperado, pois a população não acreditava mais em independência política, econômica e social, pelo fato de haver tantas repreensões que ofuscavam o brilho daquela República tão desejada. Daí a não participação popular nesse golpe que deu origem a vida pública evidente entre os liberais e os conservadores que tanto relutaram em não ver esse fato ocorrer.

CAPÍTULO 2 - MAÇONARIA EM CAJAZEIRAS

Este trabalho é fruto de algumas entrevistas realizadas com o senhor Gercilene Rolim Formiga e João Florindo Batista Segundo em 22 de setembro de 2012. As entrevistas ocorreram na casa do senhor Gercilene, atual venerável¹¹ da Loja Maçônica José Rodovalho de Alencar. Além disso, realizamos entrevistas individuais com a senhora Verônica Moura de Sousa e o senhor Jefferson Fernandes de Aquino, ocorridas, respectivamente, nos dias 24 de setembro de 2012 na Secretaria de Ação Social do município e 25 de setembro de 2012 na sede do CAIC (Centro de Assistência e Integração a Criança).

João Florindo Batista Segundo¹², mais conhecido como Capitão Segundo, e Jefferson Fernandes de Aquino, são pesquisadores da história da maçonaria local. O Capitão Segundo mantém um site intitulado “Regeneração Cajazeirense parte 1” e “parte 2”, em que apresenta a história maçônica. Já Jefferson Fernandes de Aquino é historiador de formação, foi Escudeiro, DeMolay, e vem estudando a ordem desde sua adolescência. Gercilene Rolim Formiga é funcionário público estadual serventário da justiça. E Verônica Moura de Souza é Assistente Social e faz parte do quadro administrativo da Prefeitura Municipal de Cajazeiras, especificamente trabalhando na Secretaria de Ação Comunitária.

É preciso destacar que estas entrevistas não seguiram o que se preconiza como parte da História Oral. Impulsionada pela paixão do tema, iniciei conversas com os quatro “personagens” acima descritos tentando, na verdade, colher informações quanto aos locais de depósito das fontes. Ao término das três conversas, descobri que não havia fontes.

Para aumentar a minha angústia, percebi que não havia mais tempo para mudar o tema da pesquisa.

Mesmo ciente de que História Oral é feita a partir de pressupostos metodológicos específicos, não me cabia outra alternativa que não aproveitar os dados apresentados pelas minhas fontes.

¹¹ Venerável significa para a ordem maçônica um cargo centralizador das funções de tesouraria e secretaria. Poderíamos comparar o cargo como um Coordenador que disciplina a função da ordem.

¹² João Florindo Batista Segundo, maçom da atual Loja José Rodovalho de Alencar, fez parte também da Loja União Maçônica Cajazeirense. Natural de João Pessoa. Faz parte do quadro da Polícia Militar. Formado em Segurança Pública - Curso de Formação de Oficiais (Academia de Polícia Militar do Cabo Branco, João Pessoa-PB, 2000-2002), em Ciências Jurídicas e Sociais (UFCG - Sousa-PB, 2004-2009) e Especializado em Segurança Pública.

Segundo Formiga e Capitão Segundo, a maçonaria local vem há algum tempo passando por transformações. Esta “Instituição” surgiu no município de Cajazeiras no ano de 1952 através da Loja Maçônica Presidente Roosevelt, uma homenagem ao maçom e ex-presidente dos Estados Unidos. Esta loja, no princípio, funcionou na Rua Desembargador Boto, na casa de um certo Dom Manoel, um português que vivia na cidade e que era fiel e dedicado aos preceitos da maçonaria¹³. Esta só ganhou uma sede própria em 17 de janeiro de 1953 à Rua Líbio Brasileiro, s/n.

Segundo os entrevistados, o primeiro venerável da Loja Presidente Roosevelt foi o senhor Francisco Perez de Lima¹⁴. Esta loja, contava com os seguintes associados:

- Gustavo Sinésio Aragão;
- Edson Formiga;¹⁵
- Francisco de Vasconcelos Leitão;¹⁶
- Domício Rodrigues de Holanda;¹⁷
- José Peba Rolim;¹⁸
- José Palmeira Sobrinho;¹⁹
- Antonio Barbosa da Silva;
- José Bizarria Coelho;²⁰
- Alvino Leite²¹; e
- Gerônimo Vieira Filho²².

As reuniões na Loja Presidente Roosevelt ocorriam semanalmente e de portas fechadas para garantir o sigilo das práticas próprias do grupo. Uma vez ao mês, entretanto, havia uma sessão aberta para aproximar os amigos, parentes e familiares dos membros. Estas reuniões abertas, segundo os entrevistados, eram denominadas de

¹³ Conforme fala do Capitão Segundo, quase ninguém se lembra deste português. A única pessoa que se lembrou da existência deste abnegado maçom foi o senhor Rubens Farias. Infelizmente o senhor Rubens Farias sofreu um sério Acidente Vascular Encefálico (AVE) que atrapalha suas memórias.

¹⁴ Os entrevistados não souberam me explicar quem foi este indivíduo, sobretudo sua posição dentro da sociedade cajazeirense. Suponho tratar-se de um dos comerciantes do município naquele momento. Faltam os dados que confirmem esta hipótese.

¹⁵ Edson Formiga, funcionário público.

¹⁶ Francisco de Vasconcelos Leitão, gerente das Lojas Pernambucanas.

¹⁷ Domício Rodrigues de Holanda, funcionário do Banco do Brasil.

¹⁸ José Peba Rolim, alfaiate.

¹⁹ José Palmeira Sobrinho, marchante.

²⁰ José Bizarria Coelho, dono de um dos cartórios da cidade.

²¹ Alvino Leite, comerciante.

²² Gerônimo Vieira Filho, industrial e construtor. Proprietário de uma fábrica de mosaicos.

Sessão Branca. Curiosamente, na foto abaixo, parte dos fotografados da Sessão Branca estão usando roupas de cor clara.



FIGURA 02: Foto de uma Sessão Branca da Loja Maçônica Roosevelt. Em destaque o piso mosaico em preto e branco para simbolizar a igualdade entre os seres humanos. Ao fundo se destacam alguns símbolos, dentre eles a estrela que representa iluminação (à esquerda), o esquadro e compasso significam justa medida (ao meio) e o galo, a renovação espiritual (à direita). Os outros símbolos, infelizmente, não temos informação. Fonte da imagem: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>>. Acesso em: 27/06/2013.

Os maçônicos Capitão Segundo e Formiga afirmaram que entre os anos de 1957 e 1958 se inaugurou uma segunda loja maçônica da cidade com o nome Duque de Caxias. O primeiro venerável foi o senhor Alcindo Xavier de Oliveira. Ainda listam os demais membros:

- Aldenor Rodovalho de Alencar;²³
- Joaquim Feitosa;²⁴
- Ivan Gomes;
- Geraldo Pinheiro Brandão;²⁵
- Joaquim Cartaxo de Albuquerque;
- José Felipe;
- José Teixeira; e
- Clodomiro de Sousa.

²³ Aldenor Rodovalho de Alencar, comerciante.

²⁴ Joaquim Feitosa, marceneiro.

²⁵ Geraldo Pinheiro Brandão, comerciante.

Extraímos a imagem de um evento dentro da Loja Duque de Caxias do site do senhor João Florindo Batista Segundo, vulgo Capitão Segundo. O que se destaca na cena abaixo são os maçons vestindo *smoking* (o que indicaria uma atividade noturna) no entorno de um livro. Aparentemente eles estariam assinando algum documento.



FIGURA 03: Foto de alguns membros da Loja Duque de Caxias após uma reunião. Componentes não identificados. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>>. Acesso em: 27/06/2013.

João Florindo Batista Segundo citou em nossa conversa que em agosto de 1964 constatou-se que Cajazeiras não tinha suporte para manter duas lojas maçônicas. Hugo Leite²⁶, membro da loja Regeneração Campinense, propôs aos veneráveis daquele ano, Domício Rodrigues de Holanda e José Rodrigues, que fosse realizada uma fusão, propondo ainda que o resultado dessa fusão recebesse o nome de União Maçônica Cajazeirense. Dessa forma a Loja União Maçônica Cajazeirense passou a funcionar sob a direção do senhor Geraldo Pinheiro Brandão.



²⁶ Infelizmente nossas fontes não sabem nos informar nada sobre este campinense.

FIGURA 04: Prédio da Loja União Maçônica Cajazeirense, desde a junção das duas lojas já citadas, funciona no mesmo endereço: Rua Líbio Brasileiro, no centro da cidade. Arquivo Pessoal. Foto tirada no mês de abril de 2014.

João Segundo afirma ainda que em 06 de outubro de 1982, a Loja União Maçônica Cajazeirense foi demolida para a realização de uma grande reforma. O novo prédio, que vimos na figura 04, foi inaugurado apenas em 1985 na ges

tão do Venerável Rubens Farias de Albuquerque. As nossas fontes citam os seguintes membros desta Loja:

- José Ferreira Maciel²⁷;
- Celso Matos Filho²⁸;
- Francisco Rildo Maciel²⁹;
- Francisco Alexandre Gomes de Souza³⁰;
- João Alves do Nascimento³¹;
- João Rodrigues Ferreira³²;
- William Braga; e
- Enock Gomes de Souza³³.

Abaixo destacamos uma imagem do interior da nova sede da Loja União Maçônica Cajazeirense, segundo site de um de nossos entrevistados. Novamente exaltamos o *smoking* como traje cerimonial. A diferença agora é que este smoking nos indica uma cor clara, aparentemente o branco. Destacamos ainda a presença da bandeira do Brasil no canto superior esquerdo.



²⁷ José Ferreira Maciel, construtor.

²⁸ Celso Matos Filho, comerciante.

²⁹ Francisco Rildo Maciel, funcionário público.

³⁰ Francisco Alexandre Gomes de Souza, funcionário público.

³¹ João Alves do Nascimento, setor hoteleiro.

³² João Rodrigues Ferreira, funcionário do INSS.

³³ Enock Gomes de Souza, funcionário público federal vinculado à Polícia Rodoviária Federal.

FIGURA 05: Membros da Loja União Maçônica Cajazeirense. Componentes não identificados. Fonte: <regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>. Acesso em: 27/06/2014.

No ano de 2013, duas lojas estavam em funcionamento no município de Cajazeiras-PB. A primeira, por assim dizer, seria a União Maçônica Cajazeirense nº 20, que tinha como equipe organizadora os senhores:

- Stanley Lira³⁴;
- Arturo Nogales³⁵;
- Helejone Bento³⁶;
- Williame Braga³⁷; e
- José Lopes de Lira (Dudu)³⁸.

Nossos interlocutores comentaram que no 16º aniversário da Loja União Maçônica Cajazeirense nascia mais um rebento maçônico nas terras do Padre Rolim. Em 1980 foi fundada a Loja Glória do Ocidente. A dinâmica social dos membros desta nova loja fez com que ela se diluísse por falta de membros que, ou desistiram ou migraram para outras oficinas maçônicas. Outro fator para a dissolução desta loja foi a falta de apoio do Grande Oriente do Brasil, a sede que normatiza e disciplina as lojas maçônicas no país. O terreno que outrora se havia conseguido com a Prefeitura Municipal para construção da Sede da Loja Glória do Ocidente acabou se transformando no Rotary Club de Cajazeiras, agremiação privada que envolve os maçons vinculados às lojas maçônicas do município.

Em 1995, foi inaugurada a quinta loja maçônica em Cajazeiras, intitulada José Rodovalho de Alencar nº 2912.

³⁴ Stanley Lira, tabelião e engenheiro.

³⁵ Arturo Nogales, médico.

³⁶ Sobre Helejone Bento não conseguimos informações.

³⁷ Williame Braga, dono de uma das casas de apostas do Jogo do Bicho que funcionam no município.

³⁸ José Lopes de Lira (Dudu), político.



FIGURA 06: Loja maçônica José Rodovalho de Alencar. Funciona na Rua Padre José Tomaz, nº 542, no centro da cidade. Fonte: arquivo pessoal. Data: abril de 2014.

Segundo a nossa principal fonte, João Florindo Batista Segundo, consta na ata de inauguração que nesta loja o principal rito seria o Escocês Antigo e Aceito, supostamente seguindo a cronologia do seu surgimento. Conforme fala do Capitão Segundo, na ata constava também deliberações quanto às reuniões que deveriam ocorrer semanalmente.

A Loja José Rodovalho de Alencar funcionou provisoriamente na Avenida Francisco Matias Rolim, nº 436, no Bairro Bello Horizonte, na zona nortista de Cajazeiras. O primeiro quadro administrativo teve à frente o senhor José Medeiros da Silva Filho como Venerável Mestre supervisor de:

- José Medeiros da Silva Filho;
- José Alves Feitosa Filho;
- José Vieira Costa;
- Jorge Antonio Mendes;
- Antonio Alencar Diniz; e
- Raimundo Jácome de Lima³⁹.

³⁹ Não conseguimos dados sobre estes sujeitos.



FIGURA 07: Brasão da Loja Maçônica José Rodvalho de Alencar. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>>. Acesso em: 27/06/2013.

O Capitão Segundo ainda expõe que no ano seguinte a Loja Maçônica José Rodvalho de Alencar empossou novos membros, a saber:

- Belizário Jacó de Moraes⁴⁰;
- Dijalma Soares Germano;
- Francisco das Chagas Amaro da Silva⁴¹;
- Francisco Ferreira da Silva;
- José Ferreira Linhares Sobrinho⁴²;
- José Francisco Marcos;
- José Ribeiro Mendes;
- Benone Pereira da Silva;
- Elias Paulo dos Santos; e
- Paulo Renato Lima Cartaxo.

Os maçônicos Formiga e João Florindo Batista esclareceram que após sua fundação, as reuniões ocorriam na Loja União Maçônica Cajazeirense. Só em 2002, a Loja Rodvalho de Alencar veio a fundar sede própria, em terreno doado pela Prefeitura Municipal de Cajazeiras, situado à Rua Padre José Tomaz, nº 542, centro, próximo ao

⁴⁰ Belizário Jacó de Moraes, bancário.

⁴¹ Francisco das Chagas Amaro da Silva, funcionário público federal – professor da UFCG – e político.

⁴² José Ferreira Linhares Sobrinho, empresário do ramo de tecelagem. O silêncio afeta os demais membros desta lista.

Hospital Regional de Cajazeiras. A foto acima (figura 06) exemplifica a cara atual desta loja.

Curiosamente, este curto histórico das lojas maçônicas do município revela dois aspectos merecedores de nota. Num primeiro momento, exaltamos que do aparecimento desta “corrente ideológica” até o presente momento, o município contou com cinco lojas maçônicas inauguradas. Isto daria uma média de mais de 1,25 a cada 10 anos, se tomarmos como base os anos de 1952 (data da primeira fundação) e 1995 data da fundação da última loja em Cajazeiras.

Outro elemento a ser exaltado nesta trajetória é o claro vínculo entre a maçonaria municipal e o poder público local. Todas as sedes foram construídas em terrenos doados pela Prefeitura. No geral, estes terrenos são na área nobre do município, fugindo das zonas periféricas. Curiosamente, dos membros listados das cinco lojas criadas, apenas dois foram identificados como políticos, os demais exerciam outras funções vinculadas ao comércio e bens de serviço, como engenheiros, assim como demonstra o gráfico abaixo. A questão que fica para outros trabalhos é: quais as conexões entre o poder público e a maçonaria?

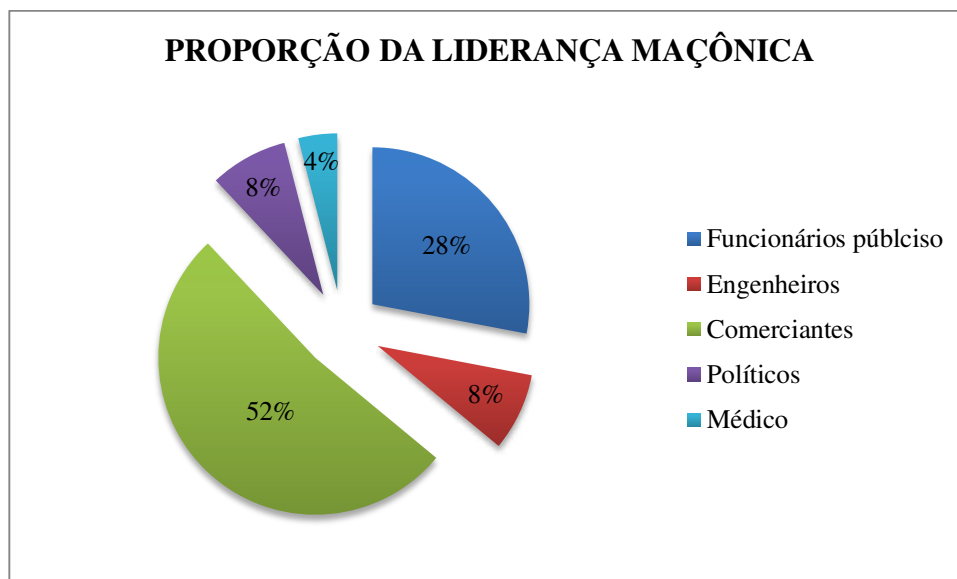


GRÁFICO 01: Proporção da liderança maçônica em Cajazeiras, entre os anos de 1952 e 1995.

Se fôssemos responder apressadamente, sem dados mais precisos, diríamos que estes maçons são bem relacionados ao ponto de conseguir, junto ao poder público municipal, certos favores. Outra questão surge: seriam os governantes municipais membros da ordem?

Como nosso objetivo não é responder estas questões, passemos para as instituições que se vinculam a estas lojas/oficinas maçônicas.

2.1. Instituições vinculadas à maçonaria em Cajazeiras

Segundo Jefferson Aquino, são três as instituições vinculadas à maçonaria: a “Ordem DeMolay”, “As filhas de Jó” e a “Ordem dos Escudeiros”. Esta última vinculada à Ordem DeMolay. Essas ordens são conhecidas como para-maçônicas por serem patrocinadas pelos maçônicos.

Os DeMolays é um órgão dedicado aos jovens do sexo masculino, de 12 a 21 anos, que os prepara para a maçonaria. O grupo foi fundado em 18 de março de 1919 pelo maçom Frank Sherman Land⁴³.

O nome DeMolay é uma homenagem a Jacques DeMolay que foi o último Grão-Mestre da Ordem dos Templários⁴⁴.

Esta ordem objetiva prepará-los para a liderança. Outro foco da ordem é capacitar os jovens envolvidos para trabalhar com projetos sociais de ação direta na sociedade circunvizinha.

No Brasil, a Ordem DeMolay, segundo nossas fontes, apareceu em 1980 através do maçom Alberto Mansur⁴⁵, que fundou a ordem na cidade de Juíz de Fora, no Estado de Minas Gerais. Desde então, os grupos DeMolays vêm se espalhando por todo o território nacional.

Segundo o professor de história Jefferson de Aquino, em Cajazeiras, os DeMolays nasceu em 1985 com Rubens Farias de Albuquerque, um dos mais antigos maçons cajazeirenses, que foi, inclusive, Venerável Mestre. Mas foi concretizado pelo também maçom José Lopes (Dudu) no ano seguinte, em 13 de agosto de 1986.

⁴³ Frank Sherman Land nasceu em Kansas, Estados Unidos da América. A Bíblia desempenhou um papel significativo na fundação do grande movimento juvenil internacional. DeMolay, com seus ensinamentos tornou-se “O Menino Ministro”. Frank Land cresceu junto a Ordem DeMolay. Era carinhosamente conhecido como “Dad” (abreviatura carinhosa para “pai” no idioma inglês). Foi reconhecido como “Líder entre os Líderes”. Sua morte surpreendeu todo o mundo por ter sido repentina, causada por um edema pulmonar. Fonte: <<http://pt.scribd.com/doc/46313371/A-historia-do-Tio-Frank-Sherman-Land>>. Acesso em: 22/03/2014.

⁴⁴ Ordem dos Templários. Foi criada em 1118 em Jerusalém, era uma espécie de sincretismo entre a fé monacal e a coragem de guerreiros de alto nível, segundo informações do site: <<http://www.infoescola.com/historia/ordem-dos-templarios/>>. Acesso em: 20/03/2014.

⁴⁵ Alberto Mansur nasceu em 7 de setembro de 1922, em Vargem Alegre (RJ) e em 1970 fundou o primeiro núcleo da Ordem DeMolay no Brasil. Alberto Mansur foi influenciador na expansão da ordem no Nordeste. Fonte: <<http://www.zedudu.com.br/?p=22343>>. Acesso em: 22/03/2014.

Assim como os maçons, a Ordem DeMolay é organizada através de rituais e cerimônias, como podemos ver abaixo:



FIGURA 08: DeMolays em comemoração aos seus 25 anos de trajetória em Cajazeiras no dia 09 de abril de 2011. Entre os componentes, da direita para esquerda, Leonardo Rolim, numa cerimônia pública da organização conhecida como “Cerimônia das Nove Horas”. Os demais se curvando em torno da Bíblia Sagrada. Já quanto aos outros componentes, não foi possível sua indicação por falta de fontes mais precisas. Imagem disponível em: <http://www.obeabadosertao.com.br/v3/capitulo_>. Acesso em: 20/05/2013.

Ainda segundo o professor Jefferson Aquino, após a inauguração da instituição em Cajazeiras, os DeMolays assumiram uma grande responsabilidade, pois foram incumbidos a divulgar e desenvolver os trabalhos e projetos sociais maçônicos, como preconiza os “estatutos da ordem”.

As Filhas de Jó nos informou o Professor Aquino, surgiram em 20 de Outubro de 1921 nos Estados Unidos. Esta ordem é baseada nos ensinamentos e princípios morais da vida bíblica de Jó⁴⁶. A proposta formadora desta ordem é preparar moralmente e espiritualmente as jovens de 12 a 21 anos para seguir a lealdade ao país, a Deus, aos pais, familiares e ao próximo. Para os maçons, é dentro deste arcabouço que se desenvolve o espírito de nobreza. Curiosamente, na ordem d`As Filhas de Jó o único critério para seleção é ter parentesco com um maçom regular⁴⁷ e ter idade entre 12 e 21 anos incompletos.

⁴⁶ A Ordem é baseada nos ensinamentos bíblicos sobre a vida de Jó, principalmente no exemplo de suas filhas, citadas como as "mulheres mais justas de toda a Terra".

Fonte: <<http://www.recursive.com.br/maconaria/index.php?page=paginaFilhasJo>>. Acesso em: 20/05/2013.

⁴⁷ Maçon regular se refere ao maçom que esteja dentro do ritmo da ordem. Ou regularizado com a ordem, seja financeiramente, ritualisticamente ou socialmente.



FIGURA 09: Filhas de Jó cajazeirenses em cerimônia dos 25 anos do surgimento dos DeMolays, na Área de Lazer Alcindo de Oliveira Xavier, no dia 09 de abril de 2011. Da esquerda pra direita: Vitoria, Quetsia, Carol, Juliana, Izadora. As últimas componentes não foram por nós identificadas. Fotografia disponível em: <<http://filhasdejocajazeiras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20/05/2013.

Em Cajazeiras, esta ordem surgiu em 16 de janeiro de 2004 através da Loja União Maçônica Cajazeirense. Esta primeira composição contou com 26 meninas. Sabemos que nela estavam:

- Raquel Verônica Soares Pinto;
- Fernanda Maria Soares de Souza; e
- Francilane Flavia Santos Lima.

Os nossos interlocutores não nos indicaram outras participantes.

O grupo d'As filhas de Jó, segundo Jefferson Aquino, funcionou ativamente na cidade, participando de tudo que se relacionasse à ordem maçônica, porém teve vida curta. Este grupo acabou se dissolvendo porque parte das integrantes da primeira turma acabaram saindo da cidade para finalizar seus estudos em grandes centros ou para iniciar uma vida acadêmica nas universidades públicas e privadas longe do berço materno e paterno.



FIGURA 10: Filhas de Jó em desfile do Dia da Cidade, em setembro de 2013. Da esquerda para direita: Natália e Quetsia. Ao fundo: os maçons Laercio e Thiago e ao centro o maçom Dr. Arturo. Disponível em: <<http://filhasdejocajazeiras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12/04/2014.

Em dezembro de 2007, As Filhas de Jó ressurgiram das cinzas como uma fênix mitológica graças ao esforço de 19 jovens que decidiram que *“Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só; mas sonho que se sonha junto é realidade”*. Nesta nova fase, Aquino deixou claro em nossa conversa que esta ordem foi apadrinhada pelo Venerável Mestre Luiz Lauro Crispim. Aparentemente este apadrinhamento foi profícuo, já que a ordem continua firme e forte até o momento em que finalizo este texto (julho de 2014). Podendo confirmar atualmente a presença de 24 garotas em seu quadro funcional, como mostra a figura abaixo.



▲ As mais justas ▲

FIGURA 11: Evento de iniciação d’As Filhas de Jó ocorrido no Templo do Palacete da União Maçônica Cajazeirense em 2013. Da esquerda para direita, Quetsia, Loyse, Sofia, Maria Gabriella, Maria Gabriela,

Letícia, Jorhana, Laura Camilla, Lyvia, Ana Clara, Geovana, Iohana, Natália, Laura Almeida, Thamiris, Iannayne, Sheyla, Keluany, Lorena, Maria, Ana Luiza, Andressa, Hizada e Laylane. Fotografia doada por Laura Camila.

A Ordem dos Escudeiros surgiu em 1995, nos Estados Unidos, para atender aos meninos de 07 a 12 anos que se vinculam à maçonaria, mas ainda não podem ser DeMolays nem maçons. Segundo o professor Jefferson Aquino, a Ordem dos Escudeiros busca criar uma conscientização social balizada no amor e na paz. A inspiração veio das lendas do Rei Artur⁴⁸ e sua ordem defensora da paz e justiça.

Na perspectiva de nosso interlocutor, esses jovens meninos seguirão o mesmo caminho dos DeMolays, pois os ensinamentos são os mesmos que os DeMolays recebem, só que com algumas adaptações: “Adaptações essas que devem ser facilmente compreendidas”.

Segundo Aquino, as crianças, para seguir a Ordem dos DeMolays, precisam ser preparadas para renovação do espírito fraternal. Por isso é importante que se realizem atividades simples, que criem o sentimento de fraternidade até que possam se integrar aos DeMolays.

De acordo com as informações dadas por Aquino, o “Castelo Pequeno Príncipe⁴⁹” surgiu em Cajazeiras em 02 de agosto de 2008 através dos DeMolays Laesso Antônio, Jônattas Cavalcante e Ricardo Shostenes, entre outros. Esta ordem passou a ser patrocinada pela Loja Maçônica União Maçônica Cajazeirense, e os primeiros escudeiros a serem empossados foram:

- Luan Russo;
- Sérgio Henrique;
- Eduardo Lucas Crispim;
- José Maxwell;
- Francisco José Xavier;
- Pedro Lucas;

⁴⁸ Rei Artur governou a Grã-Bretanha na primeira metade do século VI. Em seu governo conseguiu reagrupar, após a dominação romana, diversos reinos. Disponível em: <http://www.curaeascensao.com.br/elmorya_arquivos/reiarthur2.html>. Acesso em: 20/03/2014.

⁴⁹ O nome “Távola Redonda” é relacionado à lenda do Rei Artur. Foi escolhido porque aquela antiga ordem possuía os mais elevados ideais de serviço, perfeição, camaradagem e igualdade entre os Cavaleiros. Dessa forma, a lenda é usada como ferramenta lúdica para o desenvolvimento pedagógico de suas cerimônias e objetivos. Disponível em:

<http://www.demolaysp.com.br/portal/index.php?view=article&id=26%3Atavolas&format=pdf&option=com_content&Itemid=12>. Acesso em: 27/06/2013

- Marcus Vinicius; e
- José Adryo.

Conforme Aquino, Os Escudeiros carregam a imagem da Ordem DeMolay e estes são seus tutores para garantir a conservação dos valores de infantilidade, inocência e pureza.



FIGURA 12: Comemoração do dia das mães no Castelo Pequeno Príncipe na loja União Maçônica Cajazeirense em maio de 2011. Os escudeiros lendo uma mensagem de agradecimento para mães. Na direita, Eduardo Lucas Crispim, citado acima, com sua mãe Laura Crispim. Disponível em: <http://pequenoprincepez.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 20/05/2013.

Aquino nos informou que estas três ordens, apesar de não serem maçônicas, se integram à estrutura maçônica já que formam uma hierarquia, e sua ligação se torna mais íntima devido a formulação dos “rituais” de ambas as organizações, onde são impressos os valores por eles defendidos. Maçons “orientam” os DeMolays e são os “guardiões” d’As filhas de Jó; os Escudeiros são orientados pelos DeMolays até se congregarem a Ordem. Olhando de fora, tenho a impressão que estas ordens foram criadas para atender a uma demanda simples: manutenção da ordem maçônica, já que para fazer parte desta hierarquia, no caso específico d’As filhas de Jó, basta ter algum parente como membro da ordem maçônica.

Resta-nos entender como esta ordem maçônica de fato age dentro da sociedade cajazeirense. Esta será nossa empreitada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE DOS PROJETOS MAÇÔNICOS EM CAJAZEIRAS

De acordo com os entrevistados João Florindo Batista Segundo e Gercilene Rolim Formiga, os projetos maçônicos em Cajazeiras são deficientes. Segundo eles, a falta destes projetos de intervenção social se justificaria pela vida econômica local e a falta de ação governamental para sanar os problemas de desemprego, saúde e educação. Em outros logradouros, a intervenção maçônica é massiva com a criação de hospitais, creches, abrigo para idosos etc. Além disso, a maçonaria realiza campanhas de solidariedade. Curiosamente, os gestores públicos locais estão dispostos a doar terrenos para os maçons, mas pouco preocupados nas parcerias com o grupo para realizar projetos sociais.

Somos de opinião de que o projeto mais ousado vinculado à maçonaria local é o educacional. Duas escolas foram propostas, criadas e mantidas pela intervenção maçônica no município, a saber: a Escola Duque de Caxias⁵⁰, fundada em 02 de março de 1962. Este empreendimento foi coordenado por Joaquim Feitosa, Geraldo Pinheiro Brandão, Aldenor Rodovalho e Frutuoso Galdino dos Santos, e objetivava oferecer uma educação de qualidade às crianças carentes do município, moradores das zonas periféricas e do seu entorno.

A Escola Duque de Caxias, segundo especulações maçônicas, foi uma das primeiras a beneficiar a população, mas infelizmente, minhas fontes não puderam me informar sobre sua documentação oficial e ainda me alertaram que estaria em algum acervo público da cidade, o que os tornou impossíveis de encontrar, já que os acervos públicos sofreram o processo de incineração já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho. Sendo assim, as informações sobre este empreendimento ficará em branco no sentido de sua inauguração, até quando funcionou, ou até mesmo o motivo que impulsionou o seu fechamento. Ficaram apenas nas memórias dos mais antigos maçons, sendo que precisamos levar em conta que muitos já não existem.

Mesmo assim, as notícias que se espalharam no meio maçônico, segundo minhas fontes, eram de que era custeada graças a uma parceira entre a Loja Duque de Caxias, atual União Maçônica Cajazeirense, e a Prefeitura Municipal. Quando a demanda

⁵⁰ O prédio que funcionou a Escola Duque de Caxias continua pertencendo à Loja Maçônica União Maçônica Cajazeirense. Por algum tempo foi arrendado ao município e hoje passou a representar a Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira. Fica localizada à Rua Lúcio Brasileiro, no centro da cidade, na mesma rua que funciona a Loja União Maçônica Cajazeirense.

exigia, se recorria aos comerciantes cajazeirenses na busca de recursos para garantir o funcionamento deste educandário.

Segundo as fontes supracitadas, este empreendimento educativo foi perdendo espaço com a ampliação do quadro de escolas públicas municipais e estaduais. Através disso, os professores que prestavam serviço na Escola Duque de Caxias foram aos poucos sendo transferidos para as novas escolas, até o ponto de fechar suas portas.



FIGURA 13: Prédio que funcionou a Escola Duque de Caxias. Fonte: Acervo pessoal.

O segundo empreendimento é a escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Joaquim Matos, localizada na Rua Júlio Marques do Nascimento, 975, Centro. Fundada por maçons rotarianos em 1967 e 1968 na gestão do senhor Alvino Leite de Oliveira. Por alguns anos, o Rotary e a maçonaria administraram a escola e por motivos desconhecidos por nós, arrendaram ao Governo do Estado.

Segundo a diretora, a senhora Eliana Nascimento Henrique, em sua gestão, desde 2012 até o presente momento, os maçons rotarianos só estiveram presentes em um único evento: sua posse para direção da escola. Mas na direção da senhora Josefa Luziânia Rodrigues Serafim de 1984 a 2008, a participação dos maçons rotarianos foi em grande escala, inclusive com empréstimos das salas de rituais internos para eventos sociais da escola como São João, Natal, arrecadação de alimentos e roupas para as crianças, entre outros.



FIGURA 14: Placas de fundação e gestão. Fonte: arquivo pessoal.

Para a diretora, a senhora Eliana Nascimento Henrique, a escola atinge seus objetivos e funciona de acordo com as normas exigidas pelos órgãos de controle da educação Municipal, Estadual e Federal.



FIGURA 15: Dependências da escola. Fonte: Acervo pessoal.

Segundo os dados coletados, os projetos sociais desenvolvidos pela maçonaria no ano de 2013 giraram em torno da conscientização dos indivíduos na questão das drogas, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, depressão,

doação de sangue, câncer de útero, doença de próstata e violência contra a mulher. Como estes temas estão no calor dos debates particulares e públicos, foram elencados para uma ação direta da maçonaria local.

Curiosamente, estes projetos maçônicos seguem a mesma linha formativa/educacional, ou seja, buscam preparar a sociedade cajazeirense através da ação educativa, iluminadora e libertadora.

Apesar de a cidade ter dois grupos maçônicos representados pelas duas lojas, União Maçônica Cajazeirense e José Rodovalho de Alencar, estas casas estão constantemente integradas quando realizam os projetos sociais ou educacionais. Um exemplo desta parceira vemos no convite abaixo para a palestra sobre câncer de útero com o Dr. José Rildo Sobral, que chegou à população através da rede maçônica (as duas lojas, DeMolays, Filhas de Jó e Escudeiros).

Segundo nossas fontes, a rede de divulgação atinge todo o município, a zona rural e parte dos municípios polarizados no entorno de Cajazeiras.



FIGURA 16: Convite da maçonaria José Rodovalho de Alencar e, na direita, palestra sobre o câncer de útero pelo Dr. José Rildo Sobral, ocorrida no dia 14 de Julho de 2012, na referida Loja. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>>. Acesso em: 27/06/2013.

As lojas maçônicas locais, além de promoverem ações de formação à comunidade, vêm participando ativamente da vida social e política local. Um bom exemplo disso é a presença das Lojas em atos públicos. Vejamos:

O município de Cajazeiras assinou nessa terça-feira (01) um termo de cooperação com o Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), para execução de ações de enfrentamento à violência contra a mulher. [...] Também apoiam a iniciativa a Associação dos Prefeitos do Alto Piranhas (Amasp), Associação dos Vereadores do Alto Piranhas (Avasp), UFCG e Faculdade Santa Maria, além

do 5º Batalhão de Bombeiro Militar, 6º Batalhão de Polícia Militar, 9ª Gerência Regional de Educação, 9ª Gerência Regional de Saúde, 9ª Superintendência Regional de Polícia Civil, maçonaria – Loja Maçônica José Rodovalho de Alencar e Loja União Maçônica Cajazeirense, Ministério Público, Poder Judiciário, Sindicato Nacional dos Servidores da Educação Básica, Profissional e Tecnológica, Sindicato dos Trabalhadores Federais da Educação Básica e Profissional da Paraíba e a sociedade civil organizada de Cajazeiras (associações e sindicatos) ⁵¹.

Deste feito, seguem assim fotografias do encontro na Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, no dia 01 de outubro de 2013:



FIGURA 17: I Seminário para tratar sobre Políticas Públicas voltadas à mulher. Fonte: <<http://www.cajazeiras.pb.gov.br/index.php/noticias/3-noticias/566-municipio-de-cajazeiras-assina-termo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em: 15/03/2014.

3.1. Maçonaria e lazer em Cajazeiras

Na conversa que tivemos com Gercilene Rolim Formiga e Capitão Segundo, estes citaram uma das maiores “realizações” da maçonaria na cidade: a Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira. Este espaço foi inaugurado no dia 09 de julho de 1982 como espaço de promoção de shows e espaço de arrecadação de recursos através da locação para eventos gerais. Os recursos cooptados por e neste espaço deveriam financiar projetos culturais e/ou sociais maçônicos.

Nossas fontes nos informaram que no momento de sua inauguração, fizeram-se presentes o Venerável Mestre Rubens Farias, o ilustre rei do baião Luiz Gonzaga, também maçom, e a sociedade cajazeirense. Consta nas lendas locais que Luiz Gonzaga

⁵¹ Informação retirada do Portal da Prefeitura Municipal de Cajazeiras. Disponível em: <<http://www.cajazeiras.pb.gov.br/index.php/noticias/3-noticias/566-municipio-de-cajazeiras-assina-termo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em: 17/03/2014.

não cobrou nada pelo show inaugural, voltando outras vezes para tocar apenas pelo prazer em servir a seus irmãos maçons.

Consta ainda que alguns dos shows realizados pelo nordestino famoso objetivou arrecadar fundos para a construção do parque aquático. Este foi inaugurado em novembro de 1994. À duras penas, conseguimos imagens deste espaço sendo utilizado pela comunidade. No primeiro momento, vemos a Área de Lazer sendo usada para uma festa de casamento (Figura 18). No segundo, vemos o pleno funcionamento do Parque Aquático (Figura 19).



FIGURA 18: Cerimônia de casamento de André e Renágila na Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira. Em dezembro de 2011 foi locado pelo valor de setecentos reais ao então venerável da Loja União Maçônica Cajazeirense, o senhor Willame Braga. Fonte: Arquivo pessoal de Renágila e André.

Ainda segundo nossos interlocutores, o Parque Aquático ganhou o nome de Pedro Flor do Nascimento, um dos grandes empresários municipais e maçom.



FIGURA 19: Parque Aquático Pedro Flor do Nascimento. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirense.html>>. Acesso em: 27/06/2014.

Infelizmente a Área de Lazer Alcindo Xavier no ano de nossa pesquisa foi desativada por falta de uma reestruturação do ambiente que afastou os cajazeirenses que preferiram alugar espaços modernos para seus eventos. Deste então, a Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira deu lugar a outro ambiente, mas o espaço permaneceu sendo da maçonaria e o dinheiro da locação é utilizado para as despesas extras da Loja União Maçônica Cajazeirense e para o fundo de reserva feito mensalmente pelos maçons para futuros empreendimentos e projetos sociais. Um dos empresários municipais alugou o espaço e o transformou em uma choperia, como podemos ver nas fotos abaixo.



FIGURA 20: A área de Lazer Alcindo Xavier deu lugar à ArtChopperia. E o Parque Aquático Pedro Flor, depois da reforma sob a nova direção, ganhou um novo projeto para esse espaço. Fonte: <<https://pt-br.facebook.com/ArtChopperia?rf=155549051181465>>. Acesso em: 20/03/2014.

Segundo os maçons Capitão Segundo e Formiga, atualmente a Loja Maçônica José Rodovalho de Alencar tem planos para resgatar uma rádio comunitária que funcionava no centro da cidade e que também foi desativada em 2006. Segundo nos foi passado, nesta rádio a maçonaria tinha um espaço para divulgar seus projetos e esclarecer dúvidas sobre a organização.

3.2. Projetos desenvolvidos pela assistência social através dos maçons na sociedade cajazeirense.

Infelizmente não tivemos acesso à documentação referente aos projetos de assistência social desenvolvidos entre a maçonaria e a Prefeitura local. Segundo uma de nossas fontes, a senhora Verônica Moura de Souza, muitos projetos foram desenvolvidos, mas a documentação está sumida ou foi destruída pelos gestores.

A senhora Verônica Moura de Souza relembra, por exemplo, que desenvolveu um trabalho de conscientização com adolescentes que se envolveram nas drogas. Ainda segundo a senhora Verônica Moura de Souza, parte dos projetos desenvolvidos pela parceria entre poder público local e maçonaria foram desativados em decorrência das lutas políticas que descontinuam a ação da gestão pública local, estadual ou nacional.

E destaca:

Não tive informações documentais de projetos desenvolvidos pela maçonaria e a assistência social, até este presente momento o que pude perceber é que a maçonaria local faz algumas parcerias com o município em tempos de campanhas de conscientização ou de doação de sangue, ou até mesmo algumas palestras sobre doenças de qualquer natureza e principalmente na retirada dos jovens infratores das ruas, já que esse grupo é de homens influentes no comércio e podem conseguir, dependendo do estágio que se encontra o jovem, empregá-lo. Já vi esse processo acontecer e dar certo.

Abaixo, uma fotografia que indica a participação maçônica em eventos contra as drogas.



FIGURA 21: Seminário promovido pela a maçonaria em parceria com a Prefeitura Municipal de Cajazeiras no ano de 2013. No canto inferior esquerdo, o símbolo maçônico. Fonte: <<http://www.cajazeiras.pb.gov.br/index.php/noticias/3-noticias/566-municipio-de-cajazeiras-assina-termo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em: 20/03/2014.

Esta parceria entre a maçonaria e a ação social da Prefeitura Municipal se evidencia, por exemplo, na imagem abaixo em que durante uma das campanhas de vacinação contra a poliomielite, entre os anos 1993 e 1997, período da gestão municipal do senhor José Nelo Rolim Rodrigues (Zerinho), este aparece ao lado do Deputado Estadual José Aldemir Meireles. Rezam as lendas locais que são dois maçons inseridos no mundo da política.



FIGURA 22: Campanha de Vacinação entre os anos 1993 e 1997. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirense.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27/06/2013.

Por sua vez, o senhor Gercilene Rolim Formiga, Venerável Mestre da Loja José Rodovalho de Alencar, em conformidade às informações da senhora Verônica Moura de Souza, nos relatou que até o presente momento só o que pode ser feito por sua loja em prol da sociedade são essas parcerias de pequena escala. Parte da ação foi limitada, no caso específico desta loja, pelas reformas na sede maçônica já destacadas neste trabalho.

O Venerável Mestre nos informou ainda que: “ao contrário do que muitos dizem, a maçonaria não é composta apenas de homens ricos, e sim homens de boa índole. Mesmo com as dificuldades, procuramos participar e não deixamos de fazer boa ação”. Curiosamente, os leigos no assunto partem do pressuposto de que a maçonaria seria um clube fechado exclusivo da elite local.

Segundo o senhor Gercilene Rolim Formiga, o trabalho social da Loja José Rodovalho de Alencar é integrado com o da União Maçônica Cajazeirense, utilizando os serviços dos seus agregados, os para-maçônicos, buscando desenvolver palestras de caráter construtivo e social não só para os maçônicos, mas para os cajazeirenses de uma forma geral. Segundo a fala do Venerável Mestre, o tema mais explorado nestas atividades tem sido a problemática das drogas. Assim sendo, segue uma imagem da campanha contra as drogas no município em 15 de abril de 2012:



FIGURA 23: Marcha Jovem ocorrida no dia 15 de abril de 2012 em Cajazeiras. Segurando a faixa da esquerda para direita os DeMolays Fernando, Romulo e Luiz. Fonte: <<http://regeneracaocajazeirenses.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirenses.html>>. Acesso em: 05/03/2014.

Para ressaltar essa ideia, Capitão Segundo em seu site “Regeneração Cajazeirense⁵²”, faz menção à marcha como sendo de grande importância para a sociedade no geral:

Todos nós sabemos do grande problema que enfrenta a sociedade brasileira, maior que a fome, pobreza, a violência e até mesmo a corrupção, que são as DROGAS, que há muito tempo vêm destruindo pessoas e famílias inteiras. Muito já se discutiu sobre o tema em nossa cidade, mas infelizmente os poderes públicos ainda não criaram políticas preventivas eficientes para o combate desse maligno inimigo. [...] O percurso da marcha teve como ponto de partida a Igreja da Sagrada Família, localizada à Rua José Dantas Nobre, em frente ao IFPB e o ponto de chegada foi a Igreja de São João Bosco, localizada na Praça Camilo de Holanda. Um percurso de mais de 02 quilômetros, na busca do fim das drogas, com a presença marcante de Maçons, DeMolays e Filhas de Jó.

Segundo o Venerável, a Loja José Rodovalho de Alencar ajuda a todos que batem em sua porta, desde que “esteja de acordo com nossa realidade financeira”.

Diante dos fatos, continuamos nos referindo um pouco mais à fundo nas instituições vinculadas a maçonaria, a começar pelos DeMolays, os responsáveis ou representantes legais na transmissão, intermediação e concretização dos projetos maçônicos. Dessa forma, o professor de história e também maçom Jefferson Fernandes de Aquino, esclarece um pouco sobre essas instituições, sem deixar de ressaltar o caráter discreto imposto pela maçonaria em função da transmissão de eventos e projetos pelos seus representantes: os DeMolays, composto por rapazes adolescentes, os

⁵² Disponível em: <<http://regeneracaocajazeirenses.blogspot.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-cajazeirenses.html>>. Acesso em: 05/03/2014.

Escudeiros, constituído por meninos, e As Filhas de Jó, formado por meninas, e sua contribuição.

O entrevistado, professor Aquino, relata que tendo como ponto de partida Cajazeiras, o Capítulo Príncipe da Paz, como é conhecida a Ordem DeMolay, passa a representar a maçonaria legalmente e, acima de tudo, são parceiros. Utilizam de suas formas variadas de apoio à população com características inovadoras promovendo eventos de incentivo a doação de sangue, prevenção contra dengue, contra fome, assim também como arrecada alimentos, roupas, e qualquer item que não sirva para seu dono, mas sirva para uma pessoa carente.

Destacamos, dentre outros, a campanha no Dia das Crianças em 12 de outubro de 2010, em que As Filhas de Jó arrecadaram brinquedos para as crianças da Escola M. Guimarães. Publicado em seu site⁵³ da seguinte forma:

Realizamos um dia das crianças em uma das escolas mais necessitadas de Cajazeiras: M. Guimarães. Nós, Filhas de Jó nos vestimos de palhaças e fizemos de tudo para que a diversão de todas essas crianças carentes fosse garantida. Durante a comemoração foram servidos salgados, bolo, pipoca e refrigerante. E ao final, doamos brinquedos para todas as crianças. Em troca recebemos carinhos e sorrisos! A multiplicação foi tão grande que aquilo que arrecadamos ainda deu para ser distribuído em outra escola!



FIGURA 24: Filhas de Jó em campanha do Dia das Crianças em escola pública do município chamada Maria Guimarães. Da direita pra esquerda, Izadora, Lyvia, Rebeca, Mayara, Yasmim, Victoria, Carol, Paloma e Quetsia. As demais não conseguimos informações.

Fonte: <<http://filhasdejocajazeiras.blogspot.com.br/search?updated-min=2010-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2011-01-01T00:00:00-08:00&max-results=6>>. Acesso em: 05/03/2013.

⁵³ Disponível em: <<http://filhasdejocajazeiras.blogspot.com.br/search?updated-min=2010-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2011-01-01T00:00:00-08:00&max-results=6>>. Acesso em: 05/03/2013

Sendo assim, no dia 30 de novembro de 2013 foi destaque na página principal⁵⁴ de um site desta cidade, a campanha natalina desenvolvida pela maçonaria e para-maçônicos. Seu tema foi: “ Às vezes o que sobra para você, falta para outra pessoa”.



FIGURA 25: Campanha de arrecadação. As Filhas de Jó, DeMolays, Escudeiros e Interact-club reunidos após arrecadação de alimentos e roupas. Dentre os componentes da foto, da esquerda para direita, Raimundo Junior, maçom rotariano, e ao seu lado Martos Xavier, maçom rotariano. Fonte: <http://www.canalnoite.com.br/cajazeiras/index.php?option=com_content&view=article&id=1005:demol-aus--filhas-de-jo-e-maçonaria-arrecadam-alimentos-para-doação&catid=38:noticias&Itemid=12>. Acesso em: 26/03/2014.

O Capítulo Príncipe da Paz nº 48, e o Bethel da Filhas de Jó 001, patrocinados pela Loja Maçônica União Maçônica Cajazeirense nº 20 e Cavaleiros do Templo sagrado nº 48, fizeram hoje, sábado (30), a arrecadação de roupas e alimentos em diversos bairros da cidade de Cajazeiras [...]. A arrecadação foi feita com o intuito de beneficiar diversas famílias carentes, concretizando assim ideais formulados por esses jovens que se preocupam com o bem estar de todos, não somente em datas festivas como Dia das Crianças ou Natal [...]. Os DeMolays, As Filhas de Jó e Maçons se propuseram a realizar essa campanha e logo mais estarão efetuando a entrada do material arrecadado⁵⁵.

Assim, também podemos destacar as visitas das entidades para-maçônicas ao Lar dos Idosos (Abrigo) Luca Zorn. Segundo Aquino, estas visitas a esses espaços podem ser periódicas e com frequência, pois tudo depende da necessidade.

⁵⁴ Fonte:

<http://www.canalnoite.com.br/cajazeiras/index.php?option=com_content&view=article&id=1005:demol-aus--filhas-de-jo-e-maçonaria-arrecadam-alimentos-para-doação&catid=38:noticias&Itemid=12>. Acesso em: 26/03/2014.

⁵⁵ Ibidem.



FIGURA 26: Filhas de Jó e DeMolays representando a maçonaria de Cajazeiras em visita rotineira ao Lar dos Idosos Luca Zorn, mantido pela Comunidade Espírita Cristã, em 2012. Os componentes não foram identificados. Fonte: <<http://filhasdejocajazeiras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26/06/2013.

Em conjunto com o Capítulo Príncipe da Paz da Ordem DeMolay paraibana, com o Bethell da Ordem Internacional d'As Filhas de Jó e com o Rotaract Club de Cajazeiras, em nome do hemonúcleo de Cajazeiras, foi promovido uma grande campanha de divulgação e incentivo à doação de sangue. A campanha ocorreu nos dias 26 e 27 de agosto de 2013.



FIGURA 27: Campanha de incentivo a doação de sangue em 2013. Na foto da esquerda, podemos destacar entre os participantes, da esquerda pra direita: Libio, Pedro, Mario, Paulo, Caio e Robson. Ao centro Dr. Arturo, maçom e chefe da equipe que aí se encontra. Os outros componentes infelizmente minhas fontes não puderam identificar. Fotografias retiradas do site: <http://interactclubcz.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html>. Acesso em: 05/07/2014.

Aquino relata ainda que esses trabalhos não são suficientes para mudar a pobreza de alguns bairros dessa cidade, contudo, através dos mesmos, estes podem amenizar as situações precárias evidentes no município. Mesmo não tendo responsabilidade com a população carente de Cajazeiras, as ordens maçônicas sentem a necessidade de ajudar o próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos propostos pelo trabalho, analisamos que a maçonaria vivenciou momentos conturbados em sua trajetória inicial, tomando como foco as perseguições políticas e religiosas. Pelo que acreditamos, em função do seu secretismo e pelo que pudemos observar através da nossa pesquisa relacionada a maçonaria e a Assistência social em Cajazeiras, tais questões lançadas ainda são relevantes, mesmo estando assegurados pela modernidade.

Neste sentido, observamos por parte da historiografia um completo silêncio para este período inicial da nossa história no que trata sobre a maçonaria, o que nos remete a crer em uma possibilidade de sua participação em conflitos que foram de suma importância para nossa liberdade política e social e não foram retratados como deveriam.

Foram muitos os obstáculos encontrados durante a pesquisa, e a primeira dificuldade foi a falta de documentos oficiais dos projetos maçônicos que comprovassem sua participação em ações beneficentes juntamente com a Secretaria de Promoção Social, onde nos deparamos com a velha briga política entre adversários, e com a incineração de documentos, fato este que ocorre em todo o território brasileiro.

Na falta das fontes, agarrei-me às conversas que tive com membros da maçonaria local e conversa que tive com uma assistente social do município, mas que não foram suficientes para a conclusão deste trabalho. Tentando preencher lacunas da falta de fontes, acabamos recorrendo ao Professor Mestre José Antônio de Albuquerque, que nos informou as profissões de vários dos maçons listados pelos entrevistados.

Graças à senhora Eliana Nascimento Henrique, obtivemos informações sobre a Escola Coronel Joaquim Matos. E graças também à jovem componente d'As Filhas de Jó, Laura Camila Crispim de Castro, obtivemos identificação de alguns membros das imagens das entidades para-maçônicas.

A tônica de nossa pesquisa, portanto, girou mais no entorno da falta das fontes que atravancou o desenvolvimento da pesquisa. Daí, justificamos a necessidade de um retorno à História Colonial paraibana e brasileira no primeiro capítulo.

No segundo capítulo nos acostamos em nossos informantes tentando entender as dinâmicas internas da maçonaria. Percebemos que esta instituição, apesar de seu lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” pouco pratica esta perspectiva já que num curto período de tempo, foram fundadas no município cinco lojas diferentes. Certo que duas

destas fundações nasceram da junção de outras lojas, mas é de suspeitar da ideia de fraternidade.

Durante esse período de transformação, observamos a ação da maçonaria na construção de uma identidade social vinculada à formação dos cajazeirenses. Esta instituição fundou duas escolas (Duque de Caxias e a Coronel Joaquim Matos). Apesar da iniciativa, estas instituições acabaram sendo absorvidas pelo poder público municipal, como é o caso da Escola Duque de Caxias, por ora desativada, e pelo poder público estadual, como é o caso da Escola Coronel Joaquim Matos, em pleno funcionamento graças à 9ª Regional de Ensino.

Estas discontinuidades dos projetos apresentados indicam claramente um vínculo da maçonaria com o poder político local, mesmo que apenas dois nomes dos indicados pelos nossos informantes participem efetivamente deste universo.

Observamos ainda que parte dos projetos da maçonaria cajazeirense é de uso próprio de seus membros. Este seria o caso da Área de Lazer Alcindo Xavier de Oliveira e do Parque Aquático Pedro Flor do Nascimento. Aparentemente uma ação mesquinha de quem busca a fraternidade. As próprias instituições para-maçônicas nascem com este propósito mesquinho: preparar os filhos dos maçons para a vida em sociedade.

Parte de nossas questões pessoais foi, de fato, respondida, porém outras questões surgiram, mas sem uma base documental mais sólida, não podemos respondê-las. O silêncio de meu esposo parece ser a tônica de quem se aventura no estudo da maçonaria. Espero que este trabalho sirva pelo menos para minimizar o preconceito que o grupo ainda sofre nas terras de Padre Rolim.

REFERÊNCIAS

A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2000.

ALBUQUERQUE, Tenório d'. **A maçonaria e a Grandeza do Brasil**: Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1973.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1966.

ALMEIDA, Vandy Alves. **O Início da maçonaria no Brasil**. Minas Gerais: [s.n.], 2008.

ASLAN, Nicola. **História Geral da maçonaria**: Fatos da maçonaria Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1979.

BARTOLINI FILHO, Edgard. (debatedor). A maçonaria na Paraíba. A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2000, p. 311-332.

CARNEIRO, Joaquim Osterne. Esboço histórico da atuação da maçonaria na Paraíba. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa, n. 42, p. 09-19, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987.

GONÇALVES, Evaldo. A Paraíba e a Primeira República. In.: A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2000, p. 43-82.

GONÇALVES, Regina Célia. A Paraíba no Período Colonial. A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2000, p.11-30.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. (expositor). A Paraíba e a Primeira República. In.: A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2000, p. 43-82.

MELLO, José Octavio de Arruda. **História da Paraíba – Lutas e resistência**. Editora A União; João Pessoa, 1997.

MOREL, Marco. A Ordem e o Império. In: **Revista Nossa História**: O Poder Secreto da maçonaria, n. 20, ano II, 2005, p. 18-21.

PEREIRA, Joacil de Britto. (debatedor). A Paraíba e a Primeira República. A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de**

Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. João Pessoa: A União, 2000, p. 43-82.

SEIXAS, Wilson Nobrega. **O Velho Arraial de Piranhas (Pombal).** 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVA, Augusto César Acioly Paz. **Pedreiros do mal:** maçonaria X Igreja em Pernambuco. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de João Pessoa, João Pessoa, PB, 2007.

SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. A maçonaria na Paraíba. A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.** João Pessoa: A União, 2000, p. 311-332.

SZKLARZ, Eduardo. Maçonaria seus segredos sua influência. **Aventuras na História.** Edição especial: Maçonaria: seus segredos, sua influência, seu legado. São Paulo: Editora Abril, 2010, p. 06-82.

STEVENSON, David. **As Origens da maçonaria:** o Século da Escócia (1590-1710). São Paulo: Editora Madras, 2009.

ZENAIDE FILHO, Hélio Nóbrega. (expositor). A maçonaria na Paraíba. A PARAÍBA NOS 500 ANOS DE BRASIL, 1999, João Pessoa. **Anais do Ciclo de Debates do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.** João Pessoa: A União, 2000, p. 311-332.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Marcos Alexandre Soares Filho, portador (a) do RG 2451523 e CPF 06.129.824-24, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 25 / 09 / 2012, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 29 de Julho 2013.

Assinatura: Jefferson Fernandes de Aquino

Nome: JEFFERSON FERNANDES DE AQUINO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Marina Alekandre Soares Filha, portador (a) do RG 2451523 e CPF 030-129-824-24, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 24/09/2012, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 29 de setho 2013.

Assinatura: Leônice Leona de Souza

Nome: Leônice Leona de Souza

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Maxim Alexandre Soares Filho, portador (a) do RG 2451523 e CPF 060.129-824-24, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 22/09/2012, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 29 de julho 2013.

Assinatura: João Florindo Batista Segundo
Nome: JOÃO FLORINDO BATISTA SEGUNDO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Maria Alexandra Soares Filho, portador (a) do RG 2451523 e CPF 010.129.824-24, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 29/09/2012, pelo aluno (a) da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **UFCG**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a **UFCG** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Cajazeiras, PB, 29 de Julho 2013.

Assinatura: Gercilene Rolim Formiga

Nome: Gercilene Rolim Formiga